



Gazeta das Aldeias

N.º 2502

1 DE SETEMBRO DE 1963

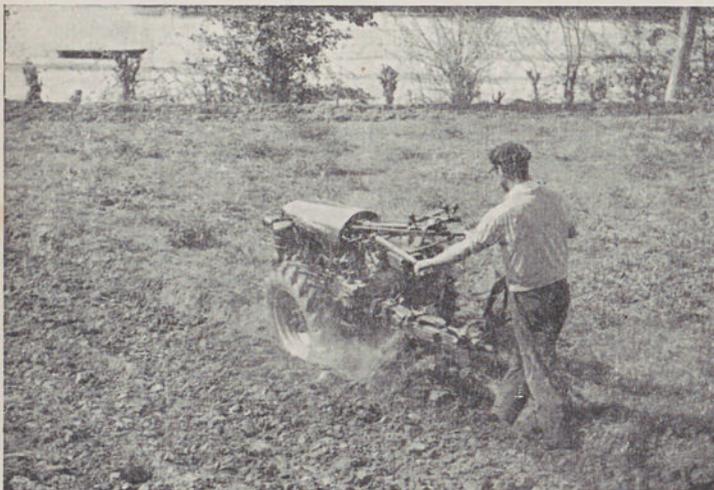
Sala

Est.

Tab.

N.º

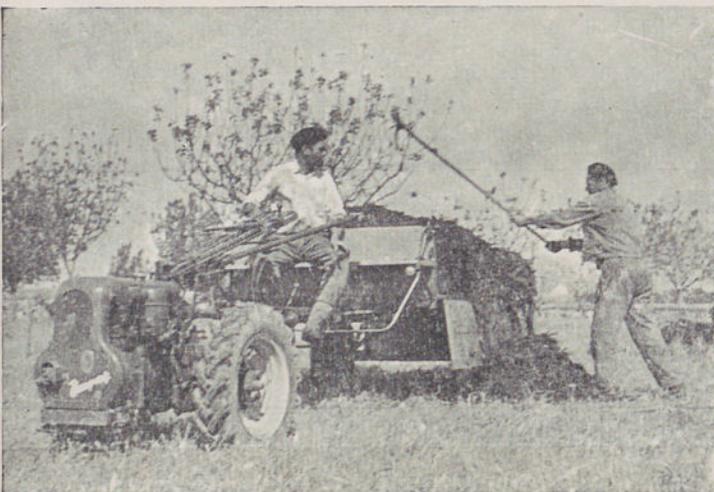
← *Na Lavoura*
BUNGARTZ



Nas Vinhas e Pomares →
BUNGARTZ



← *Nos Transportes*
BUNGARTZ
(ISENTO DE CARTA)



**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3

Proteja

a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças
variam . . .

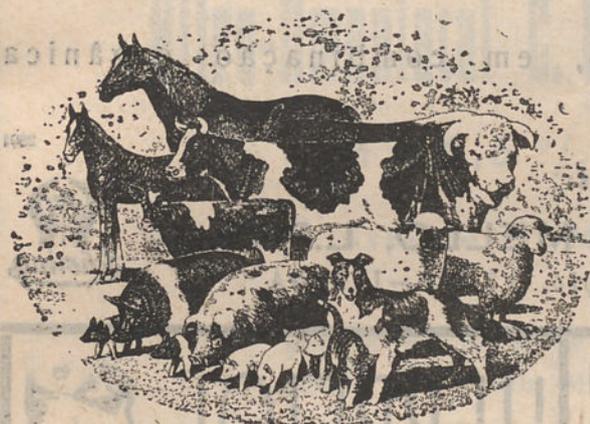
mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

. . . dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*



Sim . . . O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂ . . . e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contêm . . .

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E. U. A.

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:

ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^A

Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA

Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO



DESINFECTANTES DE SEMENTES

"SCHERING"

TUBAVIT

desinfectante especial para trigo com 12% de Hexaclorobenzeno

ABAVIT-NEU

1,7% de Mercúrio, em combinação orgânica

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}
Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



2891

Tonéis em CIMENTO



3954

MODELO REGISTRADO

Engarrafe os seus vinhos e aguardentes e não pense mais no problema da venda e conservação. Leves. Tomamos a responsabilidade. Embeleze e enriqueça a sua adega com esta inovação. Vinho 75% melhor que nos de madeira. Já utilizados por Engenheiros como podemos provar. Invenção de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crustas, espinhos, erupções ou ardência no pele.

A venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniaco C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniaco)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em **COBERTURA**

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

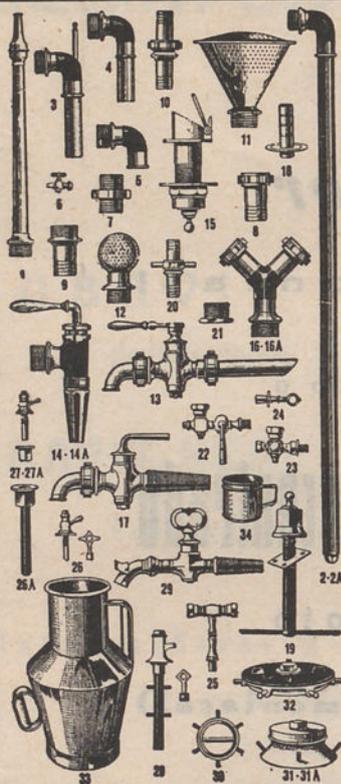
Av.^a do Infante Santo
(Baveto da Av.^a 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.^o

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAIS



Tanino «Dyewood» 100% solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

Calgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rôlhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28093-35173
gramas: GUIPEIMAR

3876

O Caminho de Ferro é o transporte ideal, pois é seguro, rápido, prático e económico.

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drograrias, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Vicente Ribeiro & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.ª
LISBOA



SEMENTES

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves bróculo, Couves flor, Lombarda, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Tronchuda: Ervilhas de grão, Feijões de vagem, Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevêns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc.
e ainda uma completa colecção de **Flores.**

Se deseja **SEMEAR E COLHER** dê a preferência às sementes que com todo o escrupulo lhe fornece a

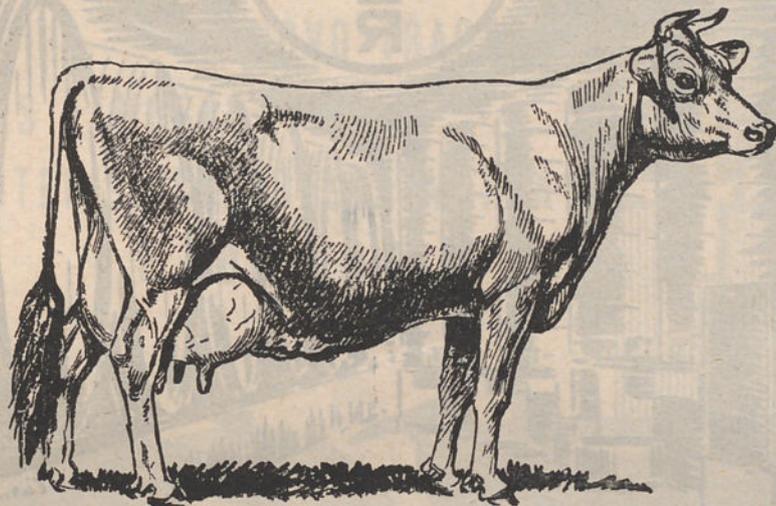
«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 ————— Telephones: 27578 e 33715 ————— PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente

N. B. — Preços especiais para revenda



VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

3211

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes

* Marca Registrada

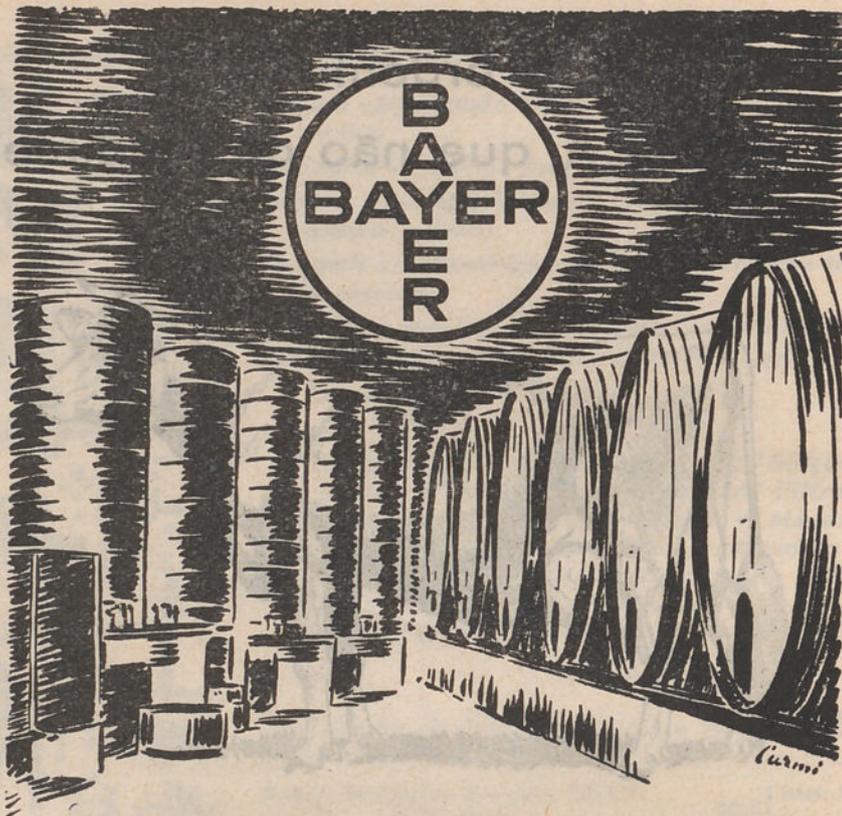
Apresentação:

}	POMADA
	Bisnaga de 7,1 g
}	SUSPENSÃO
	Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



Senhores Lavradores!

É altura de proceder à lavagem, desinfeção ou descoloração de todo o vasilhame utilizado nas adegas e lagares de azeite. Para bons resultados usem:

Trosilina «F»

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 3 — LISBOA

3961



W i n o

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 PORTO

8689

CHOCADÉIRAS "PAL"

(FABRICO FRANCÊS)

Eléctricas, petróleo e mistas,
50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Tels. 321241-325085

H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. P. do Município, 19-2.º — LISBOA-2

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e Israel

para **Engorda:**

White Cornish, White
Rock, etc. «Híbridos»

para carne 3920

para **Ovos:**

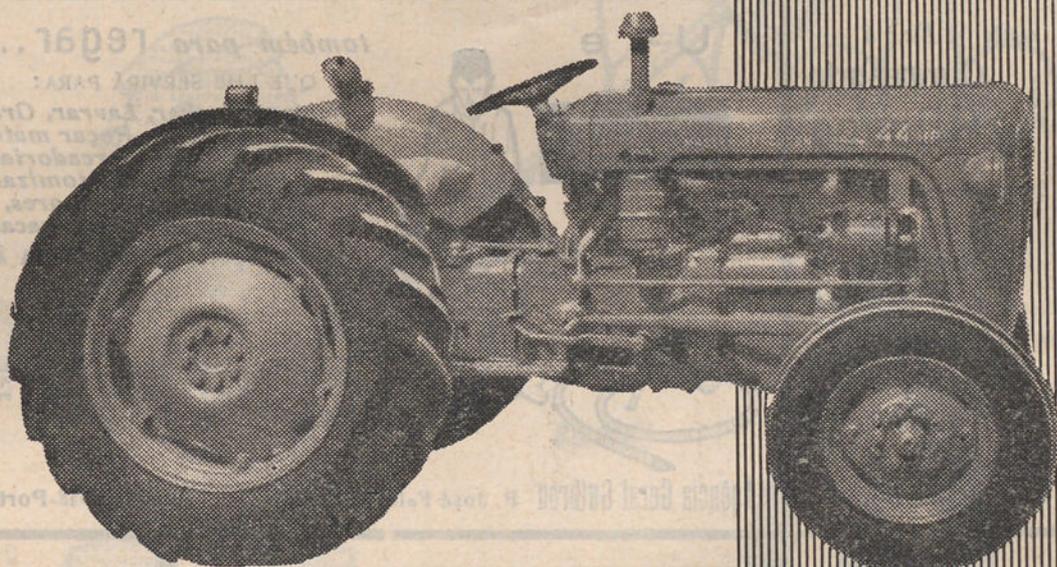
White Leghorn, Rhode Island,
New Hampshire, etc. «Híbridos» para postura

MASSEY-FERGUSON

3-5-X

O NOVO TRACTOR
COM AS FAMOSAS
CARACTERÍSTICAS DESTA MARCA
E MOTOR DIESEL DE

44hp



QUE COMPLETA A LINHA DE TRACTORES
AGRÍCOLAS MODELOS 65 (57,5 hp) E 825
TODOS EQUIPADOS COM O AUTÊNTICO

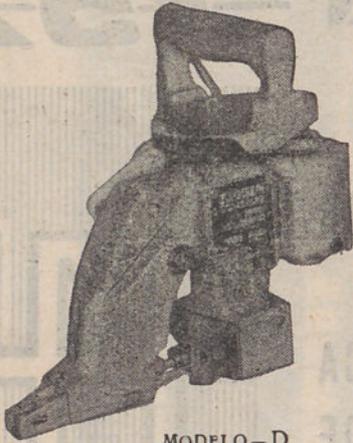


UM ANO DE
GARANTIA

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

AV. DA LIBERDADE, 35-4.º ESQ. — LISBOA
AGENTES EM TODO O PAÍS

N
O
V
I
D
A
D
E



MODELO - D

Máquina Eléctrica Portátil

FISCHBEIN

DE FECHAR SACOS

- * Manejo muito simples.
- * Grande robustez.
- * Fecha qualquer tipo de saco de tecido ou papel.
- * Pode ser utilizada por operários inexperientes e nas mais duras condições de trabalho.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

8942

Sociedade Victor, Lda.

Av. António Augusto de Aguiar, 25-A
LISBOA - I
Telef.: 51223

Visite V. Ex.^a a

**Ouridesaria
Aliança**

onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:

R. Garrett (Chiado), 50

Use



também para regar...

QUE LHE SERVIRÁ PARA:

Semear, Sachar, Lavrar, Gra-
dar, Segar, Ceifar, Roçar mato,
Transporte de mercadorias,
Pulverizar ou Atomizar,
Cavar vinhas ou pomares, e
até mungir as suas vacas.

PEÇA PROSPECTO CU DEMONSTRAÇÃO

Agência Geral Gutbrod

R. José Falcão, 152-156 - Tels.: 20947 e 20948 - Porto

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível
Todos os Grêmios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos
25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

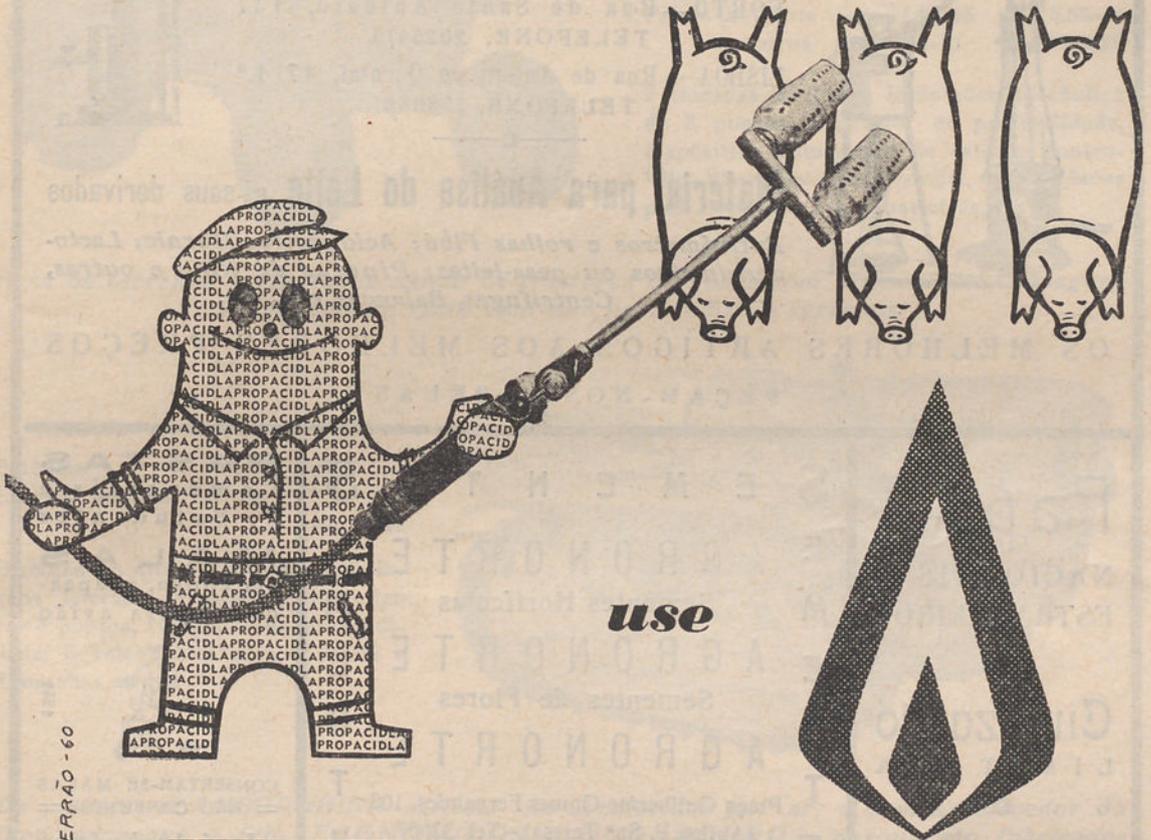
SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3584

para a chamusca de porcos



GABRIEL FERRÃO - 60

PROPACIDLA

O MELHOR GÁS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

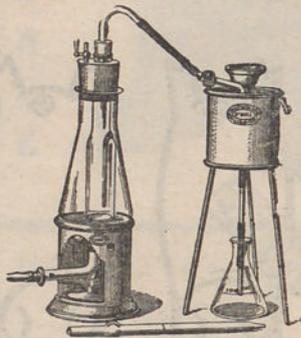
3330

CONTROLE O SEU VINHO

Ebuliômetros — Termômetros — Aparelhos de destilação — Acidímetros Mathieu de 1-2-4-6 ensaios, para a determinação de acidez volátil nos vinhos — Alcoómetros — Densímetros — Pesa-mostos — Licores acidimétricos — etc. — etc.

Sempre em armazém artigos da Casa Dujardin-Salleron e nacionais de boa qualidade.

3964



Emílio de Azevedo Campos C.^a L. da

PORTO — Rua de Santo António, 137
TELEFONE, 20254/5

LISBOA — Rua de Antero de Quental, 17-1.º
TELEFONE, 553366



Material para Análise do Leite e seus derivados

Butirômetros e rolhas Fibú; Acidímetros Dornic; Lactodensímetros ou pesa-leites; Pipetas de Kipp e outras, Centrifugas, Balanças, etc., etc.

OS MELHORES ARTIGOS AOS MELHORES PREÇOS
PEÇAM-NOS TABELAS

Papéis

NACIONAIS E
ESTRANGEIROS

Civilização
LIMITADA

Rua José Falcão, 107
Telefone, 22819
PORTO

3400

S E M E N T E S

E AGRONORTE E

M Sementes Hortícolas M

E AGRONORTE E

N Sementes de Flores N

T AGRONORTE T

E Sementes Hortícolas E

S E M E N T E S

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 103
(Antiga P. St.^a Teresa) — Tel. 33607

PORTO — PORTUGAL 3966

PASTAS
Comerciais e
de Estudantes

MALAS
em couro, chapeadas
e para avião



1943

CONSERTAM-SE MALAS
= NÃO CONFUNDIR =

José Apolinário

31 - R. do Loureiro-33
(Pagado à Pensão de S. Bento)

TELEFONE, 23636 — PORTO

NO SEU LAR

Gás Mobil



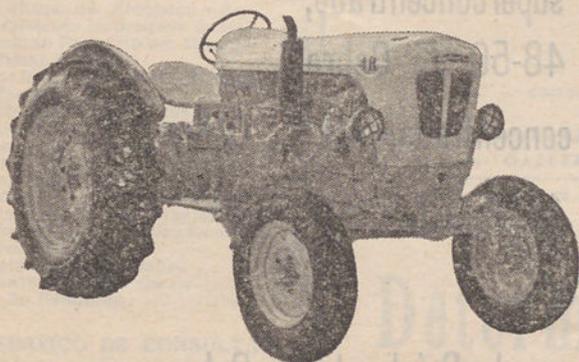
3953

DEVE USAR

Aos Srs. *Viticultores*

Têm agora 2 modelos de Tractores "LAMBORGHINI"

de características apropriadas para trabalhar nas *Vinhas e Pomares*



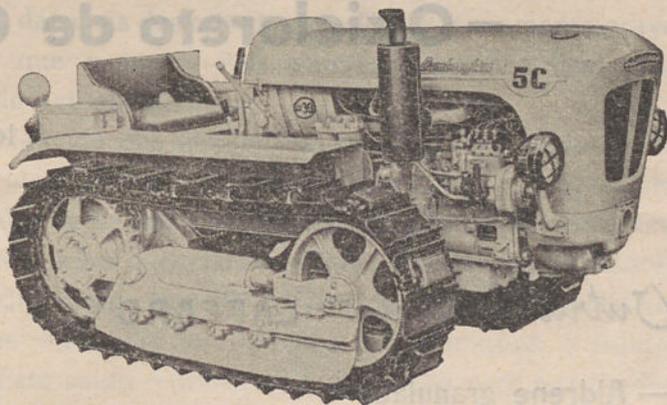
Modelo	1-R	2-R
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	1 ^m ,13	1 ^m ,40
Pneus da frente	4.00-15	5.50-16
» trazeiros	9.5-21	11.2-28

2 tomadas de força, levantador hidráulico de 3 pontos, regulador de profundidade, dispositivo automático de esforço controlado, blocagem do diferencial, 6 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.

Para os terrenos acidentados aonde os tractores de rodas têm dificuldades, há agora os modelos de rasto contínuo para todos os terrenos.

Modelo	1-C	5-C
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	0 ^m ,90	0 ^m ,98 ou 1 ^m ,16

Direcção no diferencial com embraia-gens laterais, levantador hidráulico em 3 pontos, regulador de profundidade, 8 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.



Os motores «LAMBORGHINI» — Diesel são arrefecidos por ar, e com arrefecedor do óleo, arranque a frio, ECONÓMICOS E DURADOUROS, porque são fabricados pela «LAMBORGHINI» e são

garantidos por 2 anos

3949

*Charruas de 5 ferros próprias para todos os trabalhos nas vinhas, Frezas, Grades de discos, etc.
ATOMIZADORES E POLVILHADORES «CHIRON»*

Peça uma demonstração aos distribuidores exclusivos:

O. L. I. V. E. R.

Alameda D. Afonso Henriques, 60-A a 60-C

Telefs. PPC 7251 33 - 7251 34

LISBOA

Telegramas «Tracoliver»

GAZETA DAS ALDEIAS

(363)

Societa Elettrica e Elettrochimica del Caffaro

MILANO

- **Pó "Caffaro"** superconcentrado,
48-50 % Cobre
- **Pó "Caffaro"** concentrado, 40 % Cobre
- **Pó "Caffaro"**, 16 % Cobre
- **Pasta "Caffaro"**
- **Cupro-Zin** (à base de Oxidoreto de Cobre
e Zineb Técnico)
- **Oxidoreto de Cobre** 50 %

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Outros Produtos "CAFFARO"

- Aldrene granulado
- Ziramit
- Ultrazolfo (enxofre micronizado)
- Adubos compostos
- Terras descorantes para azeites e óleos:
Prolit "Pn" e **Prolit "Rapid"**

2925

Agente:

Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º - Esq.
LISBOA - 2 - Telef. 369965

SUMÁRIO

Determinação e unidade	641
Depois de uma visita ao «Reino dos Algarves» — Prof. C. M. Baeta Neves	642
Ensinamentos úteis	645
Política Agrícola — Objecto e Métodos — Eng. Agrónomo G. Santa Ritta	646
Trabalhos em Setembro	650
Os vinhos de Alcobaça — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	652
Concurso Pecuário em Monção Vindimas à porta	655
A Cortiça e o Sobreiro no Novo Mundo	657
Videiras porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	659
O caso da «Libby»	662
Caça e Pesca — Nova época venatória — Almeida Coquet	666
A cultura da Nogueira e as vantagens da sua expansão — Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes	668
O apiário em Setembro	670
Mirante — Conde d'Aurora	671
Secção Feminina	672

SERVIÇO DE CONSULTAS

— Fruticultura	674
— Horticultura	675
— Patologia Vegetal e Entomologia	675
— Apicultura	677
— Avicultura	677
— Direito Rural	678
• Intermediário dos lavradores •	678
Informações	679

A NOSSA CAPA



Montalegre, Sendim — o escolmar, depois da malha

Cliché gentilmente cedido pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular — Porto.

ASSINATURAS

Ano	100000
Semestre	55000
Número avulso	5000
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visto pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Determinação e unidade

NUM Mundo perturbado por correntes cachoantes das mais desvairadas ideologias, o momento grave que o nosso País atravessa justifica bem uma nota de actualidade.

Na vida das nações, tal como na dos homens, há momentos felizes e períodos graves que só podem ser vencidos se se mantiver uma fria serenidade, uma determinação firme e esclarecida. Não é deixando-se vencer pelo desânimo, transigindo ou escolhendo a facilidade que se alcançam as soluções que garantam o futuro.

Este sentir — transposto da Nação para o individuo — sente-o de sobejo o *homem da terra*, habituado como está a lutar contra as adversidades de toda a ordem, luta constante e infinda, intrínseca da sua natureza de lavrador.

E apesar disso, lutando sempre, mantendo uma férrea determinação, nunca abdica, nunca pela mente lhe passa alhear-se da posse da terra que é sua.

Como homens, como portugueses e como lavradores, os *homens da terra*, sentem como nenhuns outros a gravidade da hora presente, mas sabem retesar os músculos, cerrar os dentes, mantendo-se calmos e firmes. A tempestade passará, assim haja determinação e unidade, condições basilares para uma vitória digna.



Depois de uma visita ao

«REINO DOS ALGARVES»

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Eng. Silvicultor

AINDA que as circunstâncias me obriguem a passar a maior parte do ano na capital, sempre que surge uma oportunidade para dar um salto à provincia não deixo de a aproveitar.

Não valerá a pena voltar à critica a que tal situação se oferece, lembrando que se trata de um Professor de uma Escola Superior da Universidade Técnica, com a responsabilidade do ensino de matérias intimamente ligadas com os problemas do campo, onde deverão vir a trabalhar os diplomados por essa Escola.

Nesta altura estou convencido que, por mais evidente que seja a razão de ser dessa critica, já não vale a pena nem dizer nem fazer mais nada para conseguir modificar a situação em que se encontra o Ensino Superior Florestal sob esse aspecto particular. Ou tudo quanto fiz até agora dá resultado, ou então não há outra perspectiva que não seja aguardar, pacientemente se for possível, a evolução do nosso meio social e politico a que corresponde uma mentalidade diferente, capaz não só de compreender mas também de actuar com a rapidez e eficiência indispensáveis para resolver esses e outros problemas de que dependê a melhor preparação escolar dos diplomados pelo Instituto Superior de Agronomia.

O que ninguém pode negar é a razão que me assiste, tal como ninguém pode

pôr em dúvida o desinteresse pessoal da luta a que, com tanto entusiasmo, me tenho dedicado.

A responsabilidade da situação actual não me cabe, senhores como estão todas as mais gradas autoridades ministeriais da natureza, importância e acuidade do problema; por minha parte pouco mais posso fazer.

* * *

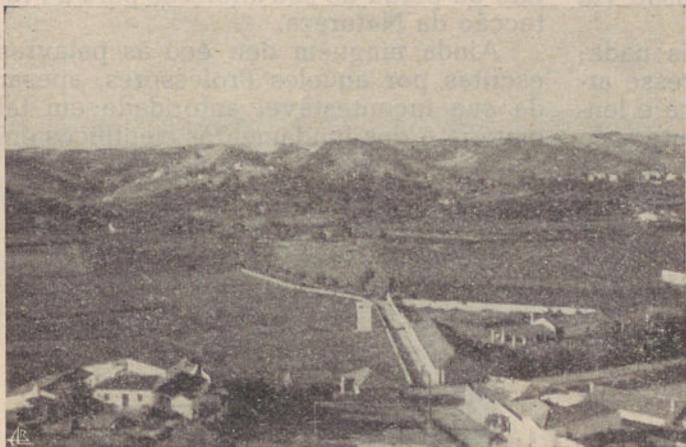
Veio esta introdução a propósito da necessidade dos Professores, tal como os Alunos, dos cursos de Engenheiro Silvicultor e de Engenheiro Agrônomo, terem mais contacto com as realidades de campo, e de uma última visita ao Algarve, onde fui exactamente tomar contacto com alguns dos seus problemas, relacionados não só com a minha actividade profissional mas também com os meus entusiasmos culturais.

Depois de o ter visitado pela primeira vez, já lá vão mais de 20 anos, tenho várias vezes voltado a esta provincia, pela qual sinto, desde o primeiro contacto, o maior interesse.

Quem como eu baseia a sua actividade profissional na Ecologia por um lado e no interesse nacional por outro, não pode deixar de sentir esse interesse; a vincada personalidade da terra algarvia, tanto sob um aspecto como sobre o outro, seduzem qualquer cuja sensibilidade esteja

preparada para vibrar com a sua fisionomia geográfica.

Atingida a Serra do Caldeirão, depois



Vista do Castelo de Silves para SE; no primeiro plano uma fábrica de cortiça, a meio um pomar de citrinos e outras culturas de várzea, e ao fundo o aspecto mais típico da paisagem do litoral algarvio (amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras e figueiras)

de atravessada a planície alentejana, sente-se que se está ultrapassando uma fronteira de uma região nova e diferente, cujas características, pela sua originalidade, a tornam tão distinta como particular.

E se juntarmos ao clima, ao relevo, à geologia e à flora, os hábitos e costumes sociais, traduzidos estes no aspecto mais evoluído da população e no arranjo e limpeza das construções rurais, a província facilmente se define como um todo diferente e inconfundível, embora no seu conjunto seja possível encontrar razão, com igual evidência e fundamento geográfico, para a sua subdivisão em regiões distintas.

Mas além do que natural e espontaneamente caracteriza o Algarve e as zonas em que pode subdividir-se, também se encontram, com exuberância invulgar, as consequências da acção humana, ali profundamente vincada pelas transformações operadas ao longo de séculos de exploração das riquezas natu-

rais, feita por diferentes povos e raças.

A serra, transformada num deserto e numa vasta área onde a erosão vem actuando livremente, é um exemplo de quanto pode o Homem quando, olhando apenas à satisfação dos seus interesses imediatos, se desintereza não só do seu próprio futuro como do futuro das gerações seguintes.

As espoliações a que a cobertura vegetal foi sujeita e a despropositada introdução da cultura cerealífera onde só a Silvicultura era possível, operaram uma tão profunda transformação, apressando a ruína de uma tão vasta área da província algarvia.

Impõe-se agora corrigir o mal, arborizando a serra, trabalho ingrátissimo de que há muito oiço falar, mas a que não vejo dar início com a convicção, o entusiasmo e ampli-

tude indispensáveis. Parece que tememos «deitar mãos à obra», como se ela transcendesse as nossas possibilidades técnicas; o que estou certo é que trans-



Amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras e figueiras

cede, e em muito, a vontade daqueles a quem cabe dar-lhe início, no ritmo imposto pelas circunstâncias.

O Algarve está agora a ser invadido

pelo Turismo, tanto nacional como internacional; toda a gente o sabe e muito especialmente aqueles que estão ligados aos bons negócios a que tal invasão vai dando origem.

Mas também não se vê mais nada; Faro, uma cidade cheia de interesse arquitectónico, está a ser sistemática e lentamente despersonalizada. No intervalo de 20 anos encontro-lhe diferença; se na primeira vez que a visitei me chocou o abandono a que tinha sido votada, em relação à euforia urbanística de todo o País, agora impressiona-me as consequências da sua influência, ameaçando mais esta cidade da invasão de uma última moda incompatível, quanto a mim, com a conservação do mais típico e característico.

São já muitos os prédios de estilo moderno, e de manifesto mau gosto, construídos em ruas que eram um mimo de beleza e pureza arquitectónicas, tal como não faltam outros exemplos de desprezo, ou de indiferença, pelo antigo, embora por vezes representado apenas por uma rua modesta, ladeada de construções pobres.

E embora num campo diferente, também não se pode compreender o estado em que se encontram os citrinos ornamentais em frente da Sé, onde tive ocasião de ver um enorme ataque de Algodão (*Pseudococcus* sp.) que a presença do *Cryptolomus Montrouzieri*, seu depredador, não conseguiu dominar; também é um desleixo turisticamente difícil de aceitar como legítimo, embora para mim, entomologicamente, tivesse tido muito interesse pelas observações que me proporcionou.

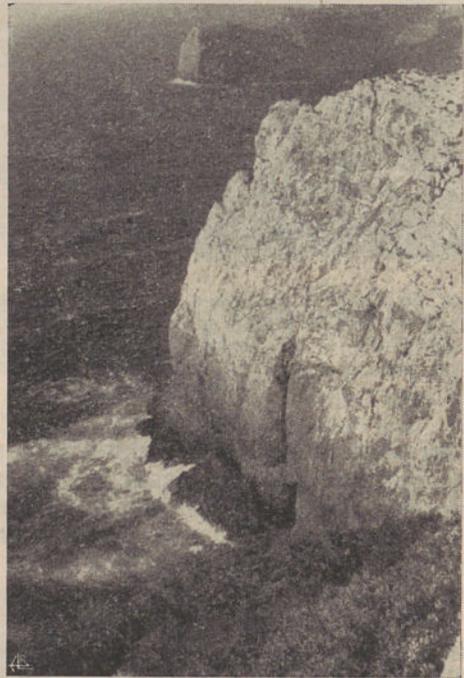
Mas no Algarve também há problemas de Protecção da Natureza a considerar, os quais, que eu saiba, ainda não estão a ser encarados com a convicção, interesse e dinamismo necessários.

Entre os que já foram postos em equação, destaca-se como mais notável o da região de Sagres e São Vicente, tratado pelos Professores Carlos Tavares e Germano Sacarrão, da Faculdade de Ciências de Lisboa, nos n.ºs 3-4 (Nova Série) do Boletim Informativo da Liga para a Protecção da Natureza.

Uma passagem, embora rápida, por

tal região, permitiu-me concluir que continua totalmente abandonada a sua defesa contra os perigos que a ameaçam, no sentido da perda do seu interesse para a Protecção da Natureza.

Ainda ninguém deu eco às palavras escritas por aqueles Professores, apesar da sua incontestável autoridade em tal matéria e dos fundamentos científicos em



Recorte da costa no Cabo de S. Vicente

que se basearam para justificar as suas afirmações quanto ao valor excepcional da região.

A ocupação humana vai desordenadamente aumentando e assim, a pouco e pouco, vai-se perdendo o que por ali existia de raro e invulgar, como se em tudo fossemos ricos, e tão ricos que pudéssemos esbanjar, sem temer o risco de uma falência próxima.

Não está ainda feito de facto o inventário de todas as riquezas naturais dignas de defesa, sob o ponto de vista da Protecção da Natureza, mas pelo menos sabe-se que é indispensável defender a região de Sagres e a da Serra de Monchique, onde existem aspectos botânicos



A vegetação espontânea de Sagres

do maior interesse. Pelo menos as espécies de *Rhododendron* e de *Quercus* (*Q. canariensis*), que fazem parte da flora desta última, não podem deixar de ser rigorosamente protegidos; assim o impõe a mais elementar consideração pelo Património natural da Nação.

* * *

Destaquei do muito que vi alguns casos particulares de maior interesse e acuidade, mas o Algarve é uma fonte inexgotável de problemas profissionais, cujo estudo merecia a maior e mais dedicada atenção de uma equipa de técnicos, agora que estão terminados alguns dos reconhecimentos ecológicos fundamentais, como a dos solos, e bem caracterizado seu clima.

Mais uma vez defendo a constituição de uma estrutura semelhante àquela que ficou conhecida pela abreviatura TVA, ou organização idêntica, que coordene todos os esforços no sentido de dar às obras de Fomento um sentido de verdadeiro progresso, que actualmente se não sente, dispersas como são essas obras por sectores diferentes, sem qualquer ligação entre si, embora sejam de facto interdependentes dentro de uma concepção nacional.

Ao lado, por exemplo, de uma Avenida dos Descobrimentos e outras obras de Urbanismo em Lagos, e do que se deve à Hidráulica Agrícola na região de Silves, mantém-se a Serra do Caldeirão escandalosamente nua, vergonhosamente

entregue à sua progressiva ruína, numa disparidade de situações que mal se compreende como é possível.

O Algarve é também assim, à mercê da vontade dos Homens, uma terra de contrastes, pela forma descoordenada como se está processando o seu lento progresso, exemplo vivo daquilo que actualmente somos, sem embargo a discordância de muitos e o protesto público de alguns raros.

E é pena porque no fim nós somos capazes de fazer tanto ou mais do que os outros, assim nos saibam estimular e dirigir; mas sem fé e sem uma direcção que se imponha pela sua elevação e acerto, não há obra nacional que vingue, por muita inauguração a que possa dar origem.

Fotografias do Autor

ENSINAMENTOS ÚTEIS

(De Rádio Rural)

A mecanização florestal começa já a revestir-se do máximo interesse. O aumento dos rendimentos de trabalho, com os consequentes abaixamentos dos custos das operações, a contribuição para solucionar problemas de falta de mão-de-obra e as melhores remunerações facultadas aos trabalhadores especializados, são aspectos fundamentais que depõem a favor da mecanização e da sua generalização nas explorações florestais.

*

Não é plantando mais árvores por hectare que se conseguem obter maiores rendimentos.

Assim, convém, no caso do eucaliptal, não ultrapassar compassos abaixo dos 3 metros no Sul do País em terrenos áridos e 2,5 metros nos climas mais húmidos.

Quanto ao choupo, convirá não usar espaçamentos inferiores a 5 metros nos povoamentos e a 3 metros nas plantações em alinhamentos.

Política Agrícola — Objecto e Métodos

Por G. SANTA RITTA
Eng. Agrónomo

TEM interesse referir aqui (embora não seja muito recente) uma publicação do «Comité» Ministerial da O.E.C.E. que apresenta elementos de informação valiosos e pouco conhecidos no nosso público. Trata-se do 5.º relatório da série sobre a confrontação das políticas agrícolas, publicado há cerca de 2 anos e relativo ao período 1955-60.

Começaremos por analisar agora alguns elementos apresentados nessa publicação e relativos a:

A) Princípios e objectivos da política agrícola.

B) Alterações ocorridas nos métodos e objectivos.

Merece também referência especial a parte preliminar do relatório, dedicada aos métodos utilizados para realizar os objectivos da política agrícola. Os governos podem abordar a aplicação da sua política de duas formas: a primeira, consiste em assegurar a curto prazo a protecção dos rendimentos por garantias incidindo sobre preços e mercados; a segunda visa a promover, a prazo mais largo, a melhoria das condições estruturais da agricultura. Na prática, todos os governos combinam os dois métodos; mas no decurso do período analisado no relatório, verificou-se a tendência para recorrer, cada vez mais, à solução a longo termo; os governos procuram, assim, reduzir progressivamente ou evitar o aumento

da protecção directa dos preços e dos rendimentos no sector agrícola, imprimindo algumas das restrições concomitantes, impostas ao comércio exterior dos produtos agrícolas.

Quanto às medidas a longo prazo, não tendo incidência directa sobre os preços e a comercialização, já em anterior artigo lhes fizemos referência; embora nunca seja demais insistir nestes assuntos, dispensámo-nos, por hoje, de referência detalhada ao problema. Quanto às medidas com incidência directa sobre os preços e a comercialização, a referência às modificações de métodos e objectivos da política agrícola permitirá compreender melhor o seu significado e alcance.

Passamos, por isso, a analisar os dois pontos escolhidos.

A) — Princípios e Objectivos da Política Agrícola

A definição dos objectivos tem de ser forçosamente bastante genérica. No relatório afirma-se que todos os países da O.E.C.E. se propõem o mesmo objectivo fundamental em matéria de política agrícola: «tornar a agricultura produtiva e próspera, no interesse de toda a Nação». Esta definição é completada pela afirmação de que as políticas agrícolas são, por definição, complexas, pois constituem a resultante de objectivos encarados em campos bem distintos mas estreitamente ligados, como a protecção dos preços e

dos rendimentos, a orientação da produção, o comércio, a população agrícola e a reforma de estruturas. As políticas diferenciam-se, dum país para o outro, sobretudo pela importância que os diversos governos conferem a cada um dos seus elementos. O lugar que a agricultura ocupa na economia nacional e o grau de desenvolvimento geral do país condicionam, como é natural, a política agrícola a adoptar.

Os princípios gerais recomendados pelo Comité Ministerial para a elaboração e a realização das políticas agrícolas constituem um dos aspectos mais interessantes do relatório da O.E.C.E.. Note-se que continuamos a empregar estas iniciais, porquanto o relatório foi publicado antes da alteração do nome da Organização Europeia de Cooperação Económica.

A actualização dos princípios recomendados é um assunto que se relaciona com o outro aspecto a que nos referimos — as modificações verificadas nos métodos e objectivos. No entanto, acentua-se, embora algumas novas formulações tenham sido acrescentadas aos princípios adoptados, elas correspondem a ideias que estavam já implícitas nos relatórios anteriores.

Os **princípios gerais** enunciados para as políticas agrícolas são apresentados considerando

- a) Os objectivos fundamentais.
- b) A realização da política agrícola.

A enumeração dos objectivos fundamentais a atingir pelas políticas agrícolas completa a definição, um tanto vaga, acima dada.

Esses objectivos são:

- 1) Assegurar às pessoas que exercem uma actividade agrícola um nível de vida satisfatório em relação aos níveis gerais do país; garantir aos capitais investidos uma remuneração equitativa.

- 2) Permitir que a agricultura se torne mais eficaz e competitiva, a fim de tornar

menos necessária uma protecção contínua.

- 3) Proporcionar aos consumidores uma alimentação conveniente, a preços razoáveis.

- 4) Permitir a utilização mais racional dos factores de produção e estimular as trocas de produtos agrícolas e alimentares.

Para atingir esses objectivos, as medidas que se recomendam aos governos podem resumir-se em quatro pontos, a saber:

- a) Assegurar aos métodos de protecção uma flexibilidade suficiente para permitir o ajustamento da produção agrícola à procura nos mercados interno e externo.

- b) Evitar as excessivas flutuações de preços e rendimentos agrícolas.

- c) Melhorar a eficiência dos sistemas de transformação e de distribuição, no interesse comum de produtores e consumidores.

- d) Proporcionar às pessoas que trabalham na agricultura e não podem esperar dela um rendimento suficiente, outras possibilidades de emprego que lhes permitam depender menos exclusivamente da produção agrícola como meio de existência.

Embora, como atrás se disse, não nos detenhamos hoje nos aspectos especiais da realização da política agrícola, convém citar as recomendações gerais apresentadas no título respectivo e que são as seguintes. Quando da realização de políticas agrícolas, os governos devem procurar:

- 1) Dar preferência às medidas susceptíveis de melhorar de forma permanente a situação da agricultura e tornar menos necessária a protecção dos preços e rendimentos.

- 2) Tomar em consideração o nível dos rendimentos individuais da população

agrícola e não apenas o rendimento global do sector.

3) Evitar as medidas que possam desencorajar a transferência das populações agrícolas para actividades não agrícolas, nos casos em que essa transferência seja possível e vantajosa para a economia nacional.

4) Assegurar-se de que qualquer ajuda especial a certas categorias de agricultores ou a certas regiões, que possa ser considerada necessária por considerações de ordem social ou razões de interesse geral, seja concedida de forma a evitar a manutenção de garantias de preços a um nível excessivamente alto.

5) Proporcionar auxílios sob uma forma tal que se possa avaliar o encargo que representam para o tesouro público e para o consumidor.

B) — Análise das alterações

Embora em diversos países tenha sido reforçada a garantia de auxílio à população agrícola — com vista à melhoria dos rendimentos agrícolas —, a concessão de ajudas e subsídios tende a tornar-se menos automática. Os governos reconhecem que a importância da protecção concedida à agricultura deve ser ajustada em função das modificações ocorridas tanto no interior como no exterior do sector agrícola.

A evolução da situação levou alguns países a alargar, entre outros, o campo aberto pelo sistema de protecção dos preços (ou a instaurar um tal sistema pela primeira vez) mesmo quando a política anteriormente defendida consistisse em não fazer intervir o Estado na formação dos preços dos produtos agrícolas. No entanto, embora os agricultores tenham passado a receber garantias mais precisas, sob certos aspectos, do que anteriormente, são-lhes salientados os riscos financeiros que correm produzindo mais do que o mercado pode absorver, aos preços em vigor.

Os objectivos de produção tendem a tornar-se mais selectivos a fim de poder

tomar em consideração as flutuações da procura. Alguns países procuram aumentar a sua produção global; outros, pelo contrário, pretendem reduzi-la; mas a política dos governos visa geralmente a inspirar aos agricultores confiança suficiente no futuro para que eles adoptem métodos mais racionais e procedam a melhoramentos que permitam aumentar a rentabilidade das explorações.

Em função desta evolução da situação e dos objectivos das políticas agrícolas, o relatório faz referência sucinta às alterações de método. A racionalização dos métodos e os ajustamentos necessários são procurados não apenas através da política de preços e de produção, mas também de disposições destinadas a melhorar a estrutura individual das explorações, bem como de todo o sector agrícola. A criação e o fortalecimento de *unidades economicamente viáveis* situa-se na linha das medidas utilizadas neste aspecto. Interessa referir, também, no que diz respeito à protecção dos preços e dos rendimentos, que a gama dos produtos beneficiando de protecção e a obrigação de garantir essa protecção tomaram maior importância nalguns países; no entanto, os métodos utilizados para fixar e aplicar os preços de suporte foram, em muitos casos, modificados, a fim de permitir maior maleabilidade e dispensar auxílios numa forma mais selectiva. Finalmente, nesta brevíssima resenha da evolução dos métodos, não poderemos deixar de salientar a intenção dos poderes públicos de melhorar os circuitos de distribuição e o sector da transformação, melhoria que não deve acarretar novos encargos, nem para o Estado, nem para o consumidor. Admite-se, aliás, que a melhoria dos sectores da distribuição e da transformação poderá, em muitos casos, tornar o sector agrícola menos dependente da protecção em relação à concorrência estrangeira e que as restrições às trocas de produtos agrícolas poderiam, por consequência, ser atenuadas.

Não podemos, no curto espaço de que dispomos, fazer um resumo satisfatório do estudo do «Comité» Ministerial. As pessoas mais interessadas no problema só através da sua leitura poderão obter uma informação completa. Convém, no

entanto, assinalar ainda algumas das razões apontadas como determinantes das modificações ocorridas na definição dos métodos de política agrária. São citados, entre os motivos que levaram os governos a aumentar o auxílio concedido à agricultura e a dar-lhe um carácter mais permanente, os seguintes:

1) O desvio verificado entre os rendimentos individuais do sector agrícola e os dos restantes sectores. O desejo de justiça social manifestado pela opinião pública e o *espírito de corpo* sempre mais intenso entre os agricultores, fazem com que os governos sejam mais vivamente solicitados para dar maior protecção à agricultura.

2) A necessidade de encorajar o investimento na agricultura, assegurando aos empresários uma retribuição compensadora para os capitais investidos, leva a considerar necessária a protecção, pelo menos até ao momento em que os investimentos efectuados comecem a proporcionar vantagens.

3) A necessidade de pôr os produtores nacionais em condições de semelhança com os daqueles países em que a protecção à agricultura assegura uma posição concorrencial mais intensa.

4) A necessidade de fortalecer a agricultura como elemento do desenvolvimento económico geral e fonte indispensável de receitas ou de economia de divisas.

Não podemos alongar-nos excessivamente na análise destes problemas tão importantes. No que acabamos de expor resalta claramente, a atenção dispensada pelos governos da comunidade ocidental à protecção a conceder à agricultura.

O problema não é de agora e verifica-se que está de há muito presente no espírito dos responsáveis pelas políticas agrícolas.

As condições em que os métodos da política agrícola são aplicados dependem, naturalmente, do grau de desenvolvimento económico de cada país, da importância que a agricultura assume no con-

junto da economia nacional, de alguns complexos aspectos da evolução económica e financeira dos países, etc..

A missão dos governos, em matéria de tanta importância, consiste em procurar estabelecer um salutar equilíbrio entre todos os sectores da actividade económica, sem esquecer que a protecção de determinadas formas de produção pode ter incidências de certa intensidade sobre a evolução dos consumos e sobre o padrão geral de vida.

Nos países em que o consumo de produtos agrícolas incide de forma particularmente elevada nos orçamentos das classes menos favorecidas, as medidas de protecção aos preços agrícolas terão de ser fixados de forma a não provocar um agravamento de encargos dessas classes.

O relatório salienta também que a inflação é sempre de repear quando os preços dos principais produtos são fixados automaticamente sem ter em conta a situação económica geral.

A alta dos preços dos géneros alimentícios tem uma incidência directa sobre o custo de vida, suscitando por sua vez pedidos de elevação de salários, os quais provocam agravamento dos custos de produção; determina-se, assim, um círculo vicioso de preços e custos. Os governos, acentua o relatório, embora garantindo aos lavradores a continuação do auxílio, dão-se conta de que esse auxílio não pode ser incondicional, sob pena de prejudicar os interesses gerais e, até, os interesses dos próprios agricultores. A inoportunidade de elevar os preços no consumo, pela incidência sobre os níveis de consumo e o custo de vida, determina a necessidade de proporcionar auxílio sob uma forma que contribua de maneira realmente eficaz e permanente para melhoria da situação da agricultura e conceder esse apoio aos grupos de produção que tenham, realmente, necessidade dele.

Estabelece-se, assim, a distinção entre protecção **social** e a protecção **económica**.

Como se vê, estes assuntos são realmente fundamentais para a sobrevivência da agricultura europeia, e fazem parte das preocupações quotidianas daqueles que têm responsabilidades na resolução dos problemas agrícolas.

Trabalhos

em

Setembro

NOS CAMPOS

Continuar com as lavouras de abertura de restolhos, quer como decruas, quer para semear ferrejos. Iniciar a preparação para as culturas de Inverno, pelo enterramento de estrumes. Dar as últimas sachas de limpeza não deixando que as más ervas criem semente.

Iniciar as sementeiras, conforme as regiões, de plantas para enterrar em verde (siderações), tais como tremoços, cezirão, fenacho, garroba, ou parda e serradela.

Preparar as terras para as sementeiras de trevos com ferrãs ou só de ferrãs. Uma boa preparação da terra é fundamental para as pequenas sementes. Deve estrumar, se possível, e adubar bem. Não esquecer o emprego de «batérias» se for a primeira vez que a terra leva trevos. A rolagem é prática imprescindível na sementeira de trevos. Se puder preparar bem as terras para os azevêns tanto melhor. A sementeira entre o milho, se tem vantagens também tem defeitos e um dos maiores é dificultar o corte à gadanhadeira mecânica.

Plantar couves e semear legumes (ervilha e fava).

Regar ainda os luzernais depois do corte e se estiverem fracos dar-lhe uma ligeira «cobertura» de azoto nítrico.

Continuar com as colheitas do feijão e dos milhos. Ter cuidado com o armazenamento do primeiro combatendo o gorgulho e secando bem o segundo.

NAS HORTAS

Ceifar as hortaliças que necessitem, e especialmente as couves de Inverno — bróculo, couve-flor, de penca e repolhos que serão estrumadas, cavadas ou tapadas a meio do mês, se o não tiverem sido antes.

Adubar para as sementeiras e plantações do Outono, recorrendo sobretudo a bons estrumes.

Semear verduras e condimentos (alface, chicória de Inverno, cerefolho, espinafre, pimpinela) e cenoura, nabo temporão e rabanetes.

Plantar couves (bróculo, cedovém, flor, galega, nabiça, nabo, penca, repolhos) e chicória. — Mudar chicória e escarola e outras hortaliças semeadas anteriormente. Atar alface, chicória frisada e escarola. Amontoar aipos e cardos.

Iniciar a plantação dos alhos de boa qualidade, de grande conservação, não esquecendo o ditado — «quem quer boa alheira, planta-a na sementeira».

Plantar e retanchar morangueiros para

agarrarem antes do aparecimento das primeiras geadas.

Semear ervilhas e favas, das variedades mais apreciadas, ao Norte nos sítios assoalhados, a que se aplicarão cal, cinzas, gesso, superfosfato e estrumes, conforme os casos e as possibilidades.

NOS JARDINS

Transplantar as plantas semeadas anteriormente e que estejam em condições. — Semear açafates e agrostis, amores-perfeitos, cristas de galo, coreopsis, eno-teras, ervilhas, malvas, phlox ou flamas.

Cuidar em especial das dâlias, e crisântemos — amparar-lhes as hastes, eliminar botões e cortar as flores já murchas.

Começar o enterramento dos bolbos, ou cebolas, floríferos — anémonas, crocus, jacintos, narcisos, rainúnculos tulipas, etc.

Preparar as espécies de floração invernal — calceolárias ou botões, cinerárias, primaveras da China, etc., envasando-as para posteriormente serem abrigadas.

NOS OLIVAIS

Regar oliveiras, onde for possível e se não chover, para que aguentem o fruto, e particularmente as prumagens.

Aplicar nitrato às primeiras águas nas zonas frescas e regiões mais serôdias, a qual contribui para evitar a queda da azeitona ainda verde.

Vigiar os enxertos, libertando-os dos ladrões.

Prosseguir a luta contra a mosca nas zonas infestadas, com o cuidado necessário para não comprometer os colmeais.

NOS POMARES

Prosseguir na colheita dos frutos frescos quer para consumo em natureza e

para venda, quer para conserva; — terminar a da amêndoa onde esteja aberta, o que deve acontecer por toda a parte até ao fim do mês; — iniciar a da avelã e da noz.

Iniciar, após a colheita, a poda, limpa, ou esmonda das amendoeiras e dos pessegueiros. Cortar os ladrões, que tenham aparecido sobretudo nos enxertos e nas prumagens.

NAS VINHAS

Desfolhar com cuidado e parcimónia, no princípio do mês, as videiras muito enfolhadas e com os cachos averdungsados, para que tomem cor.

Iniciar a vindima, esperando, quanto possível, as primeiras águas para que a maturação se complete.

NAS ESTRUMEIRAS

Intensificar a preparação dos estrumes, naturais ou artificiais, aproveitando a abundância de mão-de-obra.

Preparar terriços para hortas e jardins e viveiros.

NAS OFICINAS

Secar ao sol frutos e hortaliças diversas, enquanto o tempo o permitir, especialmente figos.

Preparar ou completar a preparação do material vinário para dar começo à vindima — lavando-o escrupulosamente e desinfectando-o.

Verificar o vasilhame e utensilagem que estavam já preparados, para que não fiquem bolorentos, ferrugentos ou com mau cheiro.

Revestir de camada de goma-laca o material de ferro que tiver de contactar com o vinho — fusos das prensas, cilindros dos esmagadores, etc.

OS VINHOS DE ALCOBAÇA

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrônomo

As terras de Alcobaça foram outrora povoadas pelos célebres monges cistercienses, «tão santos como agrónomos». Santos, porque eram extremamente piedosos, vivendo entre a oração e o trabalho e faziam «brotar da terra o pão, como diz o cronista, segundo o Eng. Vieira Natividade: «Qualquer monge de Alcobaça, era um servidor desse caminho estreito que leva em direitura ao reino dos céus».

Terras incultas e inótipas, «brenha hóstil, couto de ursos, de lobos e de javardos, transforma-se em pomar ou em vinhedo e fortes searas ondeiam na charneca desbravada. Cede o brejo o lugar a ubertosa campina; escalam o serro agreste pingues e formosos olivedos. Povoam-se vilas e de casais os extensos ermos». E mais adiante: «Já a água das ribeiras, trocou a descuidada ociosidade pelo labor útil de moer o grão».

Nestas circunstâncias, assim descritas, apontadas em traços largos, transparece uma manifestação, não só de misticidade contemplativa no espírito daqueles sábios e prestimosos servidores de Frei Bernardo de Alcobaça, como também se adivinha uma aptidão especial pelas coisas da terra; possuíam uma tal arte de agricultura, que levou o Eng. V. Natividade a escrever: «Esses homens religiosos aliavam à visão clara dos grandes problemas agrários, sólidos conhecimentos teóricos e práticos da arte de cultivar a terra, e portanto, além de santos, também tinham forçosamente de serem agró-

nomos». E para terminarmos este bosquejo histórico, mais uma vez recorremos ao Eng. Vieira Natividade, para se avaliar o carácter desses pioneiros, que deixaram uma obra plena de fecundidade. «Esses sábios monges eram agrónomos. E eu que tão bem conheço as agruras da profissão, ainda hoje não sei, se eles eram santos por serem agrónomos, ou se eram agrónomos por serem santos».

Evocar os homens, que transformaram a «brenha hóstil em famosos pomares ou vinhedos», modificando a terra agreste na terra ubérrima dos coutos de Alcobaça, à custa de um trabalho fecundante e meticuloso, entremeado com fervorosas orações, parecia-nos ser um dever que se impunha.

A cultura da vinha nesta região, data do século XII, tendo o vinho alcançado grande fama.

As castas, sendo pouco produtivas, originavam por isso, e ainda por serem de boa qualidade, vinhos muito perfumados, que em breve adquiriam uma maturidade excelente, comparando-se aos bons vinhos franceses.

No limiar deste século, o vinho com a designação de «Alcobaça», era enviado para o Brasil (Pernambuco), onde muito se apreciava.

Nesta região, onde a natureza aparece como boa aliada do viticultor, dando ótimas condições para se obterem bons produtos, onde há real vocação para a

cultura da vinha, a técnica adequada completará essa dádiva natural, afinando-lhe os princípios impregnados nas massas vinicas, despertando-lhes as qualidades, tornando-os produtos de eleição. Para tal, é necessário uma intervenção judiciosa do homem, racional, prudente e metódica.

Dada a heterogeneidade dos factores geológicos, Jurássico superior, inferior e médio, Cretácico, Mioceno e Plioceno, é possível obter-se um tipo de vinho de qualidade, com boas características de envelhecimento.

A vinha é uma das culturas dominantes no concelho, e é principalmente, no planalto dos «Montes», Cós e Alpedriz, e ainda nos arredores de Alcobaça, que a cultura atinge maior densidade. Aí predominam os vinhos tintos, abertos (fabricam-se com uma pequena percentagem de uvas brancas), aroma a fruto, sabor seco, um pouco adstringentes, amaciam com o envelhecimento. A curtimenta é completa. Os vinhos brancos, fabricados de bica aberta, citrinos, macios e vinosos, predominam nas encostas da freguesia do Vimeiro e em Tornada (Casal do Pardo), onde se obtém um vinho de qualidade, que lembra o vinho das Gaeiras, já consagrado.

As castas tintas mais frequentes são: João Santarém, Tintinho, Grand noir de la Calmette. Entre as castas brancas, podemos citar: Rabo de Ovelha, Fernão Pires, Tamarez e Vital.

Julgamos conveniente, debruçarmonos atentamente, sobre o problema das castas. Nos futuros povoamentos, é preferível optarmos por castas, que nos dêem boas massas, constituindo uma base distinta, onde o enólogo possa apoiar os seus conhecimentos, desenvolvendo os princípios odorantes, que estão intrinsecamente arreigados à casta, educando-os na juventude e afinando-os na maturidade.

Tém-se optado, mercê de várias circunstâncias, pelas castas muito produtivas e tintureiras, relegando-se a qualidade para um plano muito secundário. Parece-nos não ser este o melhor caminho, pois, só à custa de uma qualidade bem vincada, e fixada, podemos manter os velhos, e muito especialmente, conquistar novos

mercados, e, fazê-los figurar junto das iguarias, donde têm andado muito arredo, em benefício das bebidas sintéticas.

Além disso, os vinhedos devem sair das várzeas, ricas em elementos nutritivos, e cultivarem-se preferivelmente, nas colinas, onde os terrenos são mais pobres e delgados, pois, é aí, que se produzem os vinhos de melhor qualidade. Aproveitem-se as baixas para cereais e culturas hortícolas. A este propósito, escreveu Ferreira Lapa: «O que faz a beleza do cacho e a superioridade do vinho, não é o que mais estende e multiplica as varas da cepa, e o que mais a enfolha de pampos. O vinho precioso nunca nasceu do terreno forte de pão, nem do almargeal que se coalha de pastos virentes e succulentos». «Bachus amat colles».

Os vinhos tintos de Alcobaça têm um grau alcoólico, que varia entre 11-13º e uma acidez de 5-5,5 g/l, expressa em ácido tartárico; os brancos apresentam um grau, que oscila entre 12-14 e uma acidez fixa idêntica à dos tintos; o pH dos vinhos situa-se normalmente, entre 3,40-3,50.

Portanto, atendendo ao problema das castas, à escolha criteriosa dos solos, à exposição, podemos prever um futuro auspicioso para os vinhos de Alcobaça de modo, que se possam comparar aos belos e perfumados frutos de grande nomeada, e constituir uma frasqueira regional, óptimo meio de propaganda para os nossos produtos.

Concurso Pecuário em Monção

No dia 23 do corrente, promovido pelo Grémio da Lavoura de Monção, realizou-se um Concurso Pecuário, em que foram distribuídos prémios no valor total de 11.655\$00, sendo 7.850\$00 em dinheiro e o restante em adubos, insecticidas e alfaias agrícolas.

Apresentaram-se ao Concurso 182 cabeças de gado, sendo distribuídos 52 prémios.

VINDIMAS À PORTA

HA cerca de um ano dizíamos que a divulgação se caracteriza pela necessidade de se repetirem os conselhos e as recomendações até quase se transformarem em lugares comuns.

Que assim é prova-o o elevado número de consultas que, na roda do ano, nos vão chegando sobre tratamento e conservação de vasilhas, sobre vinhos sofrendo do mau estado do vasilhame.

Não se estranhe pois que, mais uma vez, já com sabor de cega-rega, se publiquem as técnicas e processos que consideramos mais aconselháveis para a preparação das adegas, do material e do vasilhame vinário. Como em anos anteriores escolhemos transcrever as publicações divulgadas sobre este assunto pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Se alguns dos nossos leitores achar que abusamos da sua paciência pedimos-lhe desculpa: tem razão, mas a culpa não é nossa. A culpa é daqueles que teimam em não seguir técnicas e processos de que só tirariam vantagens e junto dos quais é preciso mais uma vez teimar, teimar sempre.

O estado de limpeza das uvas e a qualidade dos vinhos

Todo o vinicultor medianamente conhecedor do seu ofício sabe bem quanta importância tem a higiene da adega e de todo o material de vindima e vinificação, como é imprescindível fazer as convenientes desinfecções sulfurosas da uva ou dos mostos e tantas outras

práticas que garantem a elaboração de vinhos perfeitos e são.

Há contudo alguns, felizmente poucos, que não se preocupam com as condições em que se encontra a uva, quando vai para o esmagador.

São poucos esses vinicultores, mas mesmo esses convém elucidar, na certeza de que, esclarecidos, modificarão o seu modo de proceder.

Para se conseguirem bons vinhos é fundamental partir de uvas sãs, no grau de maturação conveniente, das castas melhores e mais indicadas para o local de produção e ainda que essas uvas não estejam conspurcadas por terra ou outras substâncias que possam interferir na fermentação ou alterar a composição dos vinhos.

Ora o temor do roubo leva alguns vinicultores a cobrirem as uvas, logo que principiam a «pintar», com leite de cal, roxo-rei, ocres e outras substâncias que fazem perder a vontade de as comer a quem passa.

Se essas substâncias não tivessem qualquer acção sobre o futuro vinho, nada haveria possivelmente a objectar a tal prática.

Tal não é o caso. A cal, na dose exagerada em que é aplicada, vai combinar-se com quantidades apreciáveis dos ácidos dos mostos, originando desequilíbrios de composição inconvenientes.

As «terras» (ocres, roxo-rei, etc.) são em regra ricas em ferro, que poderá vir a provocar cassetes nos futuros vinhos.

Até a poeira que cobre as uvas de ramadas e «árvores» marginando estradas e caminhos poeirentos, traz inconvenientes para o vinho. Tais uvas devem

ser lavadas nos cestos com água fresca e limpa, deixando-as escorrer e enxugar à sombra, antes de as esmagar.

Pode objectar-se que as caldas cúpricas também deixam depósitos sobre as uvas.

É uma verdade, mas a quantidade de cal é então reduzida e o cobre é eliminado do vinho durante a fermentação.

Já o mesmo se não dá com os restos de enxofre que ficam de tratamentos tardios do oídio e podem ser origem de ácido sulfídrico, que transmite aos vinhos o cheiro de ovos podres.

Neste caso está também indicada a lavagem da uva e o vigiarem-se atentamente os vinhos, trasfegando-os o mais cedo possível e logo que limpem.

É preciso pois que o vinicultor se convença que labora num erro grave quando aceita o aforismo de que «o vinho ao ferver tudo deita fora».

Nada menos verdadeiro.

Outro aspecto, tantas vezes descurado é o do transporte da uva.

Para aproveitar espaço pisa-se ou aperta-se a uva nas dornas de transporte.

Dessa forma chega ela já em início de fermentação ao lagar, antes de ter sofrido a imprescindível desinfecção sulfurosa.

Sempre que se não possa transportar a uva sem a ferir, deite-se-lhe então nas dornas de transporte quantidade adequada de metabissulfito de potássio ou de solução sulfurosa (ver folhetos n.º 2 — *Anidrido sulfuroso e Fabrico de Vinhos Verdes Tintos* — e n.º 3 — *Anidrido sulfuroso e Fabrico de Vinhos Verdes Brancos*), diminuindo-se desta forma os inconvenientes de tal prática, sem contudo os eliminar por completo.

Elucidados, os vinicultores regionais, conscientes e orgulhosos da qualidade dos vinhos que poderão produzir, não deixarão, de modificar o seu modo de proceder, para seu proveito e maior renome dos vinhos com a marca de origem **Vinho Verde**.

Preparação da adega e do material de vindima

TRATAMENTO N.º 1

a) Na adega, iniciar a limpeza por varrer e espanar o chão, teto e paredes;

seguidamente cair as paredes e o teto com a solução:

Cal viva	1 quilo
Sulfato de cobre	0,5 »
Água quanto baste para	100 litros

utilizando o próprio pulverizador das vinhas; apaga-se a cal à maneira habitual, junta-se-lhe água até perto de 100 litros e por fim mistura-se-lhe o sulfato de cobre diluído nalguns litros de água.

Ao encher o pulverizador coa-se por uma rede fina.

O pavimento sendo de terra batida, deve ser todo raspado e levar uma camada de saibro bem limpo e seco.

Sendo de cimento, deve ser abundantemente lavado com água e vassoura e por fim regado com a solução:

Água	100 litros
Metabissulfito	100 gramas

b) Os lagares de pedra e as dornas ou baças de fermentação são varridos e esfregados à vassoura de piassaba com a solução:

Água	10 litros
Carbonato de sódio	1/2 quilo

Em seguida lavam-se muito bem com água limpa.

c) Quanto a caixas e dornas de transporte de uvas, grades das prensas, malhais, cestos, ancinhos de madeira, etc., a primeira operação a efectuar é raspar a seco (com um raspador ou simples pedaço de arco) esfregando-os em seguida com a vassoura rija de piassaba.

Tirada assim a sujidade aderente, esfregam-se com a solução de soda anteriormente indicada, empregando-a bastante quente. Deixa-se actuar a soda durante meia hora e lava-se depois o material com a vassoura usando água fresca e limpa em abundância.

d) O material de ferro que não possa ser dispensado (cilindros do esmagador, fusos das prensas, cântaros de folha, etc.), deve ser muito bem raspado e limpo, sendo aconselhável pintá-lo com duas demãos de verniz feito a banho-Maria e com

Alcool puro a 95º	1 decilitro
Goma laca	50 gramas

Afrancamento de vasilhas novas

TRATAMENTO N.º 2

a) de madeira

Esfregar à escova de piassaba ou rebolar demoradamente os cascos com

Água 10 litros
Carbonato de sódio 500 gramas

Esta solução emprega-se a ferver, batendo demoradamente se se trata de vasilhas pequenas, ou molhando bem as paredes, com vassouras de cabo comprido, se se trata de vasilhas com portinhola.

Nestas, logo que o calor deixe o pessoal entrar nelas, continua-se a esfregar com vassoura, não esquecendo os tampos.

Repetir a operação até que a solução de soda saia sem cor.

Lavar em seguida com muita água fresca e por várias vezes até que saia completamente limpa.

Deixar enxugar durante 24 horas.

Tapar e sulfurar com mecha, ou de preferência com o sulfurator.

b) de cimento (Lagares ou Cubas)

Encher os lagares ou cubas, com água limpa durante alguns dias e verificar se há alguma fuga de líquido.

Esvasiar seguidamente e deixar secar.

Proceder agora à tartarização de todas as paredes, pincelando-as com a solução:

Água 10 litros
Ácido tartárico 1,5 quilos

Convém dar duas demãos seguidas, abundantes e cruzadas, utilizando um pincel de trolha, para que haja garantia de um revestimento completo.

Deixa-se secar e lava-se com água limpa não esfregando.

Passados 2 ou 3 dias, repetir a operação, deixando secar e lavando novamente com água limpa.

As cubas serão mechadas depois de bem secas, abrindo-se passadas 24 horas e permanecendo abertas.

Conservação de vasilhas novas

TRATAMENTO N.º 3

Para manter em bom estado uma vasilha sã, devem abandonar-se os velhos hábitos de destampar as vasilhas, deixar secar as borras e outros semelhantes, que são responsáveis por quase todas as alterações dos vinhos.

Seguir, confiadamente, as seguintes normas:

1.º Mal a vasilha é esvasiada, lava-se repetidas vezes com água limpa.

Se a vasilha se pode rebolar, empregue-se a cadeia, que ajuda a desprender as borras. Se tem portinhola, lava-se e esfrega-se à vassoura de piassaba;

2.º Repetir a operação até que a água saia limpa;

3.º Deixar enxugar durante 24 horas;

4.º Fechar ou abatocar e sulfurar com mecha, ou de preferência com o sulfurator.

Enquanto as vasilhas estão sem servir, sulfurar todos os meses.

Quando a vasilha for servir de novo, verifica-se pelo cheiro se está sã e dá-se um forte suadoiro com água a ferver, lavando em seguida 2 a 3 vezes com água fresca e limpa.

Deixa-se escorrer. Se não levar vinho imediatamente deve sulfurar-se.

Sulfuração:

A prática da sulfuração é absolutamente necessária para a conservação das vasilhas; deve repetir-se pelo menos todos os meses. Emprega-se vulgarmente a mecha (tira de pano ou papel embebida em enxofre derretido), mas o seu uso, por vários motivos, não é muito de aconselhar, sendo preferível o emprego do mechador, tubo de folha de Flandres com orifícios, onde se põe a mecha a arder; este tubo suspende-se por um arame do batoque da vasilha.

Ainda mais perfeito é o emprego do sulfurator, aparelho barato e de grande utilidade na adega, que garante o pleno enchimento da vasilha com o gás sulfuroso.

O peso da mecha deve ser 25 gr por pipa de capacidade.

(Continua)

A Cortiça e o Sobreiro no Novo Mundo

De Rádio Rural

A FIGUROU-SE de interesse apresentar um simples comentário sobre um livro de origem americana, que não há muito se difundiu entre nós: Trata-se do livro «Cork and Cork tree», publicado pela Pergamon Press, escrito pelo Dr. Giles B. Cooke.

Para nós, habitantes de um País suberícola desde remotas eras, e cuja produção de cortiça lhe dá uma posição de excepcional relevo na economia corticeira mundial, é sempre grato assinalar o aparecimento de uma obra sobre o sobreiro proveniente de uma Nação estranha ao mundo mediterrânico. Tanto maior é a nossa surpresa quanto é certo que, atendendo ao seu preço relativamente elevado, se nos afigurava difícil encontrar quem o editasse e o comprasse.

O autor, cujo contacto com o sobreiro, com a cortiça e com a sua industrialização, se estende por mais de 30 anos, tem publicado vários trabalhos, isoladamente e em colaboração. O seu fervor pela cultura e expansão do sobreiro nos Estados Unidos é tão grande que se pode considerar um dos principais impulsionadores da cultura desta árvore no Novo Mundo.

Esta obra, particularmente atraente pelo seu aspecto gráfico, possui 121 páginas, repartidas em 15 capítulos, com profusa documentação fotográfica.

No primeiro, ocupa-se o autor do sobreiro e da cortiça através dos tempos, e menciona o que os escritores da antiguidade, gregos e romanos, escreveram sobre a árvore da cortiça mediterrânica.

Refere-se, nos oito capítulos seguintes,

às características botânicas do sobreiro e à cultura desta espécie, às propriedades físicas e químicas da cortiça, aos aspectos da sua industrialização, à composição e multiplicidade de aplicações do tecido cortical, e aos dados económicos de produção.

Os seis últimos capítulos são consagrados à cultura do sobreiro nos Estados Unidos, aos esforços da sua expansão neste país, através de projectos de fomento suberícola e, finalmente, às perspectivas futuras.

Tanto no que diz respeito à biologia do sobreiro, como à subericultura, e à industrialização da cortiça, não dá o autor a menor novidade aos subericultores portugueses. O estudo botânico do sobreiro e o da técnica cultural são resumidos em escassas onze páginas, e a matéria está longe de se apresentar actualizada.

Em relação aos Estados Unidos, relata-nos o Dr. Giles B. Cooke que a devoção ao sobreiro nasceu a partir da primeira bolota semeada na Califórnia, há mais de 100 anos. Em 1945 existiam, naquele Estado, cerca de 3000 sobreiros, que deliciavam os americanos pelo seu soberbo porte e pela benéfica sombra que lhes proporcionavam nos dias cálidos de Verão...

No entanto, o primeiro homem que verdadeiramente imprimiu forte impulso à difusão do sobreiro nos Est. Unidos, foi o seu primeiro presidente, Thomas Jefferson, que reunia um conjunto de atributos difícil de igualar: homem de Estado, arquitecto, desportista, músico, inventor, agricultor... Os esforços de Thomas Jefferson, desde

1786 a 1826, cerca de 40 anos, não ficaram em vão. Contribuiu, ainda mais, para reforçar o interesse dos seus contemporâneos pela cultura desta árvore.

Refere-se o autor em dois capítulos, ao projecto de fomento do sobreiro de Mc Manus. Esta iniciativa fundamentou-se na convicção de que o sobreiro podia constituir uma fonte substancial de riqueza para os Estados Unidos, depois de ter verificado a excelência da qualidade da cortiça virgem e do poder de regeneração dos sobreiros provenientes de sementeira.

Daqui nasceu o projecto referido que principiou com a recolha, distribuição e fornecimento de glandes destinadas ao estabelecimento de pés-mães, a partir dos quais fosse possível fazer plantações de vulto, de índole extensiva, e obter suficiente quantidade de semente. O programa estabelecido absorveu muitos anos, porque se tornou necessário o recenseamento de todos os sobreiros já existentes nos Estados Unidos.

Este ciclópico trabalho permitiu distribuir, durante um período de nove anos, de 1940 a 1949, cerca de 32 toneladas de glandes por um pouco mais de 20 Estados, incluídos na área potencial do sobreiro. Esta semente foi entregue a diferentes entidades ou organizações que mostraram entusiasmo e interesse em colaborar no projecto de Mc Manus, como os Serviços Florestais dos Estados Unidos, escolas florestais, universidades, serviços de extensão, organizações civicas, diversos clubes, proprietários de terras, etc..

A par da difusão de semente, foram criadas plantas em viveiro e igualmente distribuídas nos Estados de Califórnia e Arizona. Estas remessas eram acompanhadas de instruções sobre os cuidados a dispensar à sementeira ou plantação e à protecção das jovens plantas.

No âmbito das bases do projecto, descortixaram-se alguns sobreiros com o fim de apreciar a qualidade do tecido suberoso. No período de 1940 a 1948, extrairam-se, de 628 sobreiros, 14 761 kg de cortiça.

Em escasso número de árvores, está por apreciar o grau de crescimento e qualidade da primeira amadia.

Simultaneamente, foi estabelecido um plano de trabalhos de investigação e de experimentação.

Cuida a seguir o autor das áreas potenciais subericolas dos Estados Unidos, que ocupam uma parte importante da região sul, e compara as suas características agro-climáticas com as das áreas mediterrânicas cobertas de sobreiros.

O penúltimo capítulo trata da propagação do sobreiro, e nele são referidos os cuidados a atender no armazenamento da semente e são indicadas as técnicas mais aconselháveis para efectuar a sementeira e plantação de pequenos sobreiros criados em viveiro.

Por último, foca o autor as perspectivas quanto ao futuro.

O projecto de fomento subericola de Mc Manus terminou em 1949 e alcançou o objectivo fundamental visado, principalmente no que se refere ao estabelecimento de sobreiros produtores de sementes, nas áreas com aptidões subericolas dos Estados Unidos.

Os resultados, porém, deste grandioso movimento a favor do sobreiro não parece haverem correspondido às esperanças nele depositadas. De facto, o autor apenas se limita a afirmar que tal movimento contribuiu para que esta árvore exótica se tornasse mais conhecida dos americanos, e que o seu lugar, na flora lenhosa da América, será o de uma modesta árvore ornamental de sombra...

Espera-se que a semente produzida pelos sobreiros dispersos pelos Estados Unidos contribua para a completa divulgação do Sobreiro neste País.

* * *

Não foi, evidentemente, com a intenção de enegrecer ainda mais o horizonte dos nossos subericultores, sempre duvidosos quanto ao futuro da cortiça, que escrevemos esta nota; nem, tão pouco, para nos regozijarmos com os modestos resultados obtidos, depois de tão longas e dispendiosas tentativas de expansão do sobreiro nos Estados Unidos.

Quisemos apenas salientar a fé inquebrantável que os americanos puseram no desenvolvimento da subercultura do seu

(Concluí na pág. 665)

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2499 pág. 542)

333 E. M.

Cabernet × Berlandieri 333 E. M.

(FOËX)

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: nitidamente rosado-acarminado, densamente cotanilhoso.

Estímulas: com cerca de 3 mm de comprimento.

Entrenós: regularmente arroxeados do lado da luz; densamente cotanilhosos nos entrenós superiores e tearaneos nos inferiores; nitidamente costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: nitidamente rosado-acarminadas em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se intensamente vermelho-arroxeadas e em seguida rapidamente vermelhas, com as nervuras verdes, em ambas as páginas, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: em regra quinquelobadas ou trilobadas e menos frequentemente sub-trilobadas ou sub-quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos denticulados.

Aurículas: afastadas, de bordos inter-

nos sub-paralelos, nas folhas mais novas, ou aproximadas com tendência a unir-se, nas folhas mais velhas.

Limbo: miudamente bolhoso ou sub-liso, densamente cotanilhoso em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente tearaneo na página superior e simultaneamente tearaneo e pubescente na inferior, nas folhas mais velhas.

Peciolo: com reflexos arroxeados, cotanilhoso.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente pequenas ou medianas, tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: quinquelobadas, com os seios superiores geralmente mais pronunciados; folhas da base do pâmpano sub-quinquelobadas ou, por vezes, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados, com os crenos e dentes mais largos do que compridos; o lobo superior com o ápice geralmente sub-acuminado.

Mucrão: acobreado, pouco desenvolvido.

Aurículas: geralmente pouco afastadas ou, por vezes, aproximadas, formando seio peciolar em lira e frequente e carac-

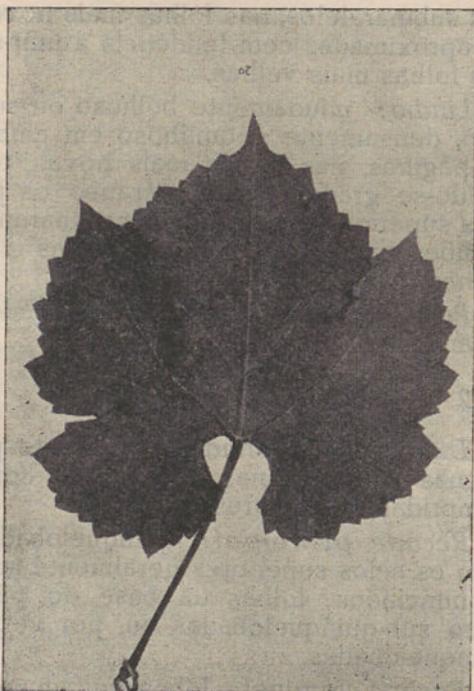
teristicamente desguarnecidas de limbo até às nervuras principais basilares.

Limbo: espesso, sub-liso e ondulado, com a página superior verde, algo brilhante, ligeiramente tearanea ou glabrescente e a inferior mais clara, simultaneamente tearanea e pubescente; nervuras principais avermelhadas em ambas as páginas, mais acentuadamente na inferior.

Peciolo: em regra nitidamente avermelhado, tearaneo ou tearaneo-cotanihoso; obsoletamente costado-estriado, com caneladura pouco acentuada ou indistinta.

3 — Sarmentos

Castanho-claro-pardacentos, mais escuros junto aos nós; entrenós de comprimento mediano ou curtos, de secção



333-EM

sub-elíptica ou sub-arredondada; em regra nitidamente costado-estriados e com nítidas costas grossas; lenticulas pequenas ou medianas, medianamente dispersas ou mesmo aproximadas; gomos medianos.

4 — Flores

Fisiologicamente masculinas.

5 — Porte da planta

Sub-prostrado.

106-8

Riparia × (Cordifolia-Repustris n.º 1, de De Grasset)

106-8

de MILLARDET e DE GRASSET

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: verde, com reflexos acobreados, nitidamente pubescente.

Estípulas: com cerca de 8 mm de comprimento.

Entrenós: mais ou menos arroxeados do lado da luz, por vezes apenas arroxeados nos nós do lado da luz; glabros; ligeiramente costado-estriados, mais acentuadamente nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verdes, levemente acobreadas, nas folhas mais novas, tornando-se rápida e completamente verdes, com as nervuras geralmente bem avermelhadas na página superior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-triboladas.

Recorte marginal: lobos dentados e um tanto acuminados, sobretudo o lobo superior, nas folhas mais novas, atenuando-se rapidamente nas folhas seguintes.

Aurículas: sub-nulas ou muito afastadas nas folhas mais novas, mantendo-se bem afastadas nas folhas mais velhas.

Limbo: nitidamente empolado, com a página superior simultaneamente tearanea e curtamente pubescente e a inferior nitidamente pubescente, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente puberulento, com as nervuras curtamente pubescentes, na página superior e mantendo-se

nitidamente pubescente na inferior, nas folhas mais velhas.

Peciolo: mais ou menos avermelhado, nitidamente pubescente.

2—Folhas adultas

Dimensões e forma: medianas, tão ou mais largas do que compridas, sub-cuneiformes ou sub-reniformes.

Recorte principal: sub-trilobadas ou, mais raramente, trilobadas; folhas da base do pâmpano frequentemente trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes quase tão largos como compridos, o lobo superior com o ápice acuminado e os laterais sub-acuminados.

Mucrão: esverdeado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: geralmente bastante afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U bastante aberto.

Limbo: delgado, bolhoso e empolado, geralmente bem vincado nas nervuras principais e secundárias, com a página superior verde um tanto escura, desprovida de brilho, glabra, com as nervuras principais e secundárias puberulentas, e a inferior mais clara, escassamente pubescente, salvo as referidas nervuras que se apresentam nitidamente pubescentes; nervuras principais geralmente avermelhadas na página superior, junto ao ponto peciolar.

Peciolo: avermelhado, nitidamente pubescente, com caneladura nitidamente acentuada.

3—Sarmentos

Castanho-pardacentos, um tanto escuros; entrenós de comprimento mediano,



106-8

de secção elíptica, geralmente com duas faces planas; costado-estriados, por vezes obsoletamente; lenticulas pequenas, dispersas; gomos pequenos.

4—Flores

Fisiologicamente femininas, frutificando escassamente.

5—Porte da planta

Prostrado.

O CASO DA "LIBBY"

O agricultor condenado à escravatura?

(Conclusão do n.º 2501 pág. 614)

MAS isto dirá respeito ao agricultor? Basta dizer que o controle das firmas internacionais está a estender-se às conservas, a certos produtos leiteiros, aos derivados dos cereais, às aves. Amanhã serão a carne, os frutos e legumes, o açúcar e o vinho. Por outras palavras, será dentro em pouco 70 a 90 % das receitas dos agricultores que estarão na dependência desses grandes conjuntos internacionais.

Por outro lado, a eficiência de tais conjuntos leva a imperativos que a Libby não esconde e que vamos referir.

Teòricamente o esquema do futuro situar-se-á em três níveis e será:

1. A exploração onde se produzem os géneros alimentares. Este sector é da competência do agricultor.

2. A fábrica onde são transformados, preparados, acondicionados os produtos alimentares. Este sector é da competência dos engenheiros, técnicos e operários fabris.

3. O circuito de comercialização do produto com marca (exemplo: Food Libby's Products); circuito extremamente poderoso com uma formidável infra-estrutura comercial, uma forte publicidade. Este sector é do domínio da firma, da marca em causa.

Este é o esquema teórico. Com efeito, todo o dinamismo vem do ponto três; isto é, do circuito de comercialização, da

marca. A fábrica não passa do fornecedor de *serviço* da marca. Quanto ao agricultor, *ele será obrigatoriamente submetido a todos os imperativos industriais (da fábrica) e da distribuição comercial (da firma)*. Daí a necessidade de ligações muito severas, dum sistema razoavelmente rigoroso, ligando o produtor à fábrica e à firma. É esta a razão concreta dos contractos que a Libby pretende estabelecer com os agricultores do Hesault e do Gard. Não há que levar-lhe a mal. De resto, no futuro, não poderá ser doutra forma. *Os agricultores serão cada vez mais ligados por contractos severos aos imperativos industriais e comerciais da distribuição em massa*. Por este facto o poder económico no sector agrícola, não pertencerá mais aos empresários individuais, tinham eles 10 ou 200 ha, uma pequena quinta na Bretanha ou uma rica exploração na Bacia Parisiense. Pertencerá aos que sejam os senhores dos circuitos de distribuição.

As Indispensáveis Disciplinas

A necessidade de ligações severas é tal que à Libby interessava não somente a propriedade do ponto dois e do ponto três do esquema atrás referido (fábrica e circuito de distribuição), mas igualmente dum parte do ponto um (explorações agrícolas) a fim de aí ter uma posição suficientemente forte, comprando para isso alguns milhares de hectares onde instalaria agricultores em parceria,

como já o explicamos no início deste estudo. Tendo-lhe sido recusada essa compra, a Libby exercerá o seu controle sobre as explorações unicamente através de contractos, quer eles sejam colectivos ou individuais.

Os agricultores serão dessa forma protegidos? De forma alguma, porque todo o dinamismo comercial do conjunto vem da firma comercial e porque os lucros são sobretudo recolhidos pelos que sejam proprietários do ponto três. Assim, não somente os agricultores aí não terão parte, mas, na medida em que o proprietário dos pontos três e dois, que detém o poderio económico e é diverso do ponto um (os agricultores), a sua posição dominante permitir-lhe-á exercer a pressão que quiser e quando quiser sobre o ponto um para salvaguardar os seus próprios interesses. Neste contexto os contractos colectivos aparecem em toda a sua fragilidade, demonstrada pela experiência que tem os agricultores americanos.

Desde logo o problema aparece sob a sua verdadeira natureza, com os seus dois componentes fundamentais:

— *Necessidade de disciplinas severas, de contractos rigorosamente respeitados pelos agricultores para fazer face aos imperativos industriais e comerciais da distribuição em grande escala;*

— *Necessidade para os agricultores, não somente de controlar os pontos dois e três, mas sobretudo, criar grandes conjuntos cooperativos internacionais vendendo, sob marca sua, os produtos alimentares.*

Destes dois campos de acção, o primeiro é, no imediato, o mais importante e o mais difícil de realizar. Mas é primordial e condiciona absolutamente o segundo. Será da maneira que o primeiro ponto for resolvido pelos próprios agricultores que dependerá o poder económico que possam alcançar nos circuitos de distribuição e a forma de democracia económica que prevalecerá no sector agrícola.

Não há tempo a perder

Seria ambicioso da nossa parte apresentar um esquema completo das medidas

a tomar e dos métodos a utilizar. Limitar-nos-emos a algumas observações que gostaríamos ver discutidas e criticadas pelo conjunto dos nossos leitores.

O objectivo a alcançar é claro — de resto não nos é possível escolher — conseguir criar conjuntos cooperativos internacionais comercializando, com marca sua única, os produtos alimentares. Esses conjuntos só poderão funcionar eficazmente com ligações contractuais rígidas com um número considerável de grupos locais de produtores.

Objectivo ambicioso, dirão alguns: Não, porque será possível assentar-lhe as suas bases, desde já e a partir de cada aldeia. Mais ainda. Há forma de iniciar esta acção que atingirá uma verdadeira participação dos interessados, enquanto que outros métodos podem conduzir à irresponsabilidade das pessoas, mesmo num quadro cooperativo.

A coesão e a eficiência do sistema apoiando-se em *disciplinas rígidas* — compreendidas e aceites pelos produtores agrícolas — só elas lhes permitindo realizar em seu benefício estes grandes conjuntos internacionais, impõe desde início dar-se-lhe o devido realce. Será a base, aparentemente longínqua, mas indispensável, para chegar por etapas sucessivas a esses grandes conjuntos.

Muitos agricultores, de resto, apresentam já isso mesmo e são capazes de se submeter a disciplinas rígidas dentro de certos agrupamentos ou para certas produções. Ora justamente o que conta, aquilo que é preciso dar começo por toda a parte é, partindo duma produção na exploração, fazer de maneira que núcleos de agricultores se agrupem, com dois imperativos a respeitar, aconteça o que acontecer:

— a mesma disciplina nos métodos de produção, de comercialização, etc.;

— idêntica planificação da produção e escrupulosamente respeitada.

Bem entendido, trata-se, de início, de disciplinas a estabelecer pelos próprios interessados. Tais compromissos não deveriam limitar-se a uma campanha, mas serem estabelecidos por um número de anos bastante longo.

Ao mesmo tempo que se criam estes grupos, será preciso estabelecer contactos íntimos entre eles, para que possam: premutar as suas experiências em matérias de disciplina de produção; de plano de produção; no que diga respeito à comercialização; aos resultados financeiros e também aos insucessos.

O importante, com efeito, é criar por toda a parte núcleos de agricultores que vão já aceitando essas disciplinas e que sejam capazes de ser, chegada a altura própria, os catalizadores dum maior número de agricultores.

Homens preparados e esclarecidos

A vantagem de agir assim, por pequenos grupos, é de preparar muitos mais homens que estejam à altura de tomar responsabilidades. Os contactos regulares, primeiro entre grupos da mesma região, depois de outras regiões e mais tarde de outros países, criarão hábitos e necessidade de troca de impressões. Os problemas de mercados que automaticamente se virão a equacionar, permitirão encarar uma organização mais vasta e mais coordenada entre os grupos. Da mesma forma, não será importante levar cada grupo a pensar o que será a produção, a venda e até a exportação do produto em causa, nos cinco anos mais próximos? Isto prepararia, pouco a pouco, as mentalidades a prever o futuro e a preparar o estabelecimento das necessárias estruturas.

Isto de maneira alguma suprimirá a acção com os organismos existentes. Pelo contrário, métodos como estes só poderão facilitar a reestruturação das cooperativas e a sua adaptação à moderna forma de distribuição de massa. Com múltiplos núcleos de agricultores sólidamente esclarecidos, será mais fácil proceder aos reagrupamentos indispensáveis de cooperativas, às arbitragens, à obtenção da disciplina colectiva em todos os níveis. Os promotores do interessante projecto cooperativo «Conserves-Gard» não estariam menos inquietos perante a Libby se se pudessem apoiar rapidamente em grupos locais organizados, tendo aceite uma disciplina rígida e tendo compreendido a importância do «jogo»? Da mesma forma

quando seja preciso negociar com as firmas industriais e comerciais — e sê-lo-á em mais de um caso — a tessitura de grupos locais coordenados entre si e sabendo para onde querem ir, permitirá uma negociação mais favorável ao grupo de agricultores.

Estas poucas considerações nada têm de utópico. Não existe, por toda a França, quantidades de grupos de homens, já perfeitamente a par dos problemas económicos e que estão prontos a tais esforços? Não existe um número elevado de Centros Concelhios de Jovens Agricultores que estão prontos a ser o ponto de partida de grupos desta natureza? Não existe um número respeitável de agricultores, que tendo resolvido os seus problemas técnicos, especialmente nos C.E.T.A.⁽¹⁾, dão, por vezes, a impressão de «não sair do sítio», enquanto que os métodos de trabalho do grupo que praticaram, bem como os conhecimentos que adquiriram, os tornam particularmente aptos a formar esses núcleos de agricultores disciplinados e eficientes?

Há actualmente um potencial humano duma extraordinária qualidade. Sem dúvida que esses homens são demasiado pouco numerosos. Mas existem em todas as regiões e estão prontos para treinar outros. Estão decididos não só a disciplinar-se a si próprios mas também a efectuar um violento esforço de explicação aos agricultores que os cercam. Não foi dado um exemplo pelos responsáveis do Comité das Alcachofras que, para obter a disciplina severa que exigia a defesa dos produtores em período de super-produção, não hesitaram em promover mais de 1600 reuniões de informação, contactando pessoalmente com cada produtor, explicando-lhe o que era o mercado das alcachofras e os métodos a empregar para fazer face à queda vertical dos preços? É essa a chave do futuro e não outra. A Libby poderá montar a sua fábrica «Libaron», as outras firmas de produtos alimentares invadir a Europa, Agricultores informados e disciplinados saberão, em muito pouco tempo, erguer as estruturas e partindo de grupos locais

(1) C.E.T.A. — Centros de Estudo de Técnica Agrícola.

disciplinados e atingindo, ao nível da comercialização, as dimensões internacionais.

Que fazer, frente à Libby?

Resta muito pouco tempo. A chegada aparentemente importuna da Libby ao Baixo-Ródano — Languedoque lembra-nos que a luta pela conquista dos mercados alimentares já está travada. Compete aos agricultores agir.

Como? — dirão os agricultores do Gard e do Hesault. A primeira atitude possível é a de oposição. Atitude perfeitamente defensável mas que corre o risco de ser puramente negativa. O terreno para a fábrica «Libaron» já está comprado. O sr. Pisani deu o seu acordo de princípio e vê-se mal a partir de que diplomas legais se poderão opor à implantação da Libby.

Outra atitude possível é a de uma política positiva para com a Libby. Essa política será definida e desenvolvida segundo a evolução dos acontecimentos, mas desde já parece que deve comportar os pontos fundamentais seguintes, para os quais é urgente chamar à atenção dos agricultores.

1.º Evitar que a Libby tenha, amanhã, uma posição dominante na indústria da conserva. Ora os riscos são reais quando se verifica a pulverização e o arcaísmo de muitas firmas conserveiras. É pois urgente criar um contrapeso cooperativo pela criação de fábricas de conserva cooperativas que atinjam um volume superior ao da Libby. É isso que procura realizar a Cooperação Agrícola com o projecto *France Uniconserves*, da qual a fábrica *Conserves-Gard* é uma das peças principais. Mas esse projecto ainda não foi entregue aos Poderes Públicos! Os produtores foram surpreendidos pela Libby, porque tinham estabelecido, segundo o *calendário* dos seus projectos, que a produção do Baixo-Ródano — Languedoque só atingiria volume sério dentro de três a quatro anos.

2.º É indispensável que os produtores da região se agrupem para criar um organismo de negociação colectiva que tratará com a Libby e cuidará para que não haja contractos individuais com esta firma, pois os contractos individuais são a

forma de integração mais perigosa para os agricultores. Mas tudo isto exige urgentemente um considerável trabalho de esclarecimento e de formação na base, a levar a cabo e a repetir em cada freguesia.

3.º Os produtores deverão examinar e seguir de muito perto o regime de importações da Libby. Importando produtos americanos para fazer funcionar a sua fábrica nos primeiros anos, a Libby poderá vender conservas a mais baixo preço e conquistar assim um lugar importante no mercado francês e europeu. É pois fundamental que ela não tenha um regime privilegiado e que os agricultores vigiem atentamente as suas importações.

4.º É preciso que fique bem assente que a Libby se submeterá aos acordos interprofissionais existentes por exemplo no mercado do tomate e a todos os regulamentos impostos pela legislação francesa.

Outros pontos importantes se deverão ainda juntar a esta lista, mas o que é certo é que uma tal acção só poderá ser eficaz, se for conduzida de comum acordo pelo conjunto da organização profissional.

A Cortiça e o Sobreiro no Novo Mundo

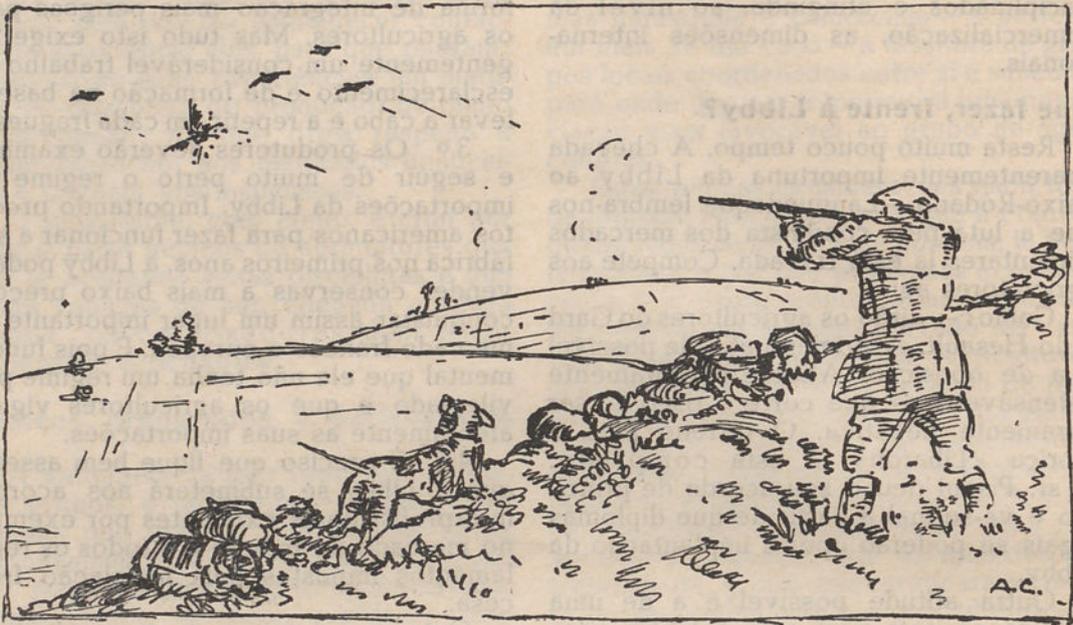
(Conclusão da pág. 658)

país, reconhecendo embora que o sobreiro não seria mais de que um elemento de extremo valor, que contribuiria para tornar mais rico o quadro das paisagens americanas!...

Chega a parecer milagre que o sobreiro que, no seu solar, é tão rústico e tão bem defendido, pela sua casca suberosa protectora, das fúrias climatéricas e do fogo, albergue em si misteriosas fragilidades que o definham, quando atirado para regiões estranhas...

A conclusão a que chega o Dr. Giles Cooke, e isto muito nos interessa e muito nos anima, é a de confiança no aumento progressivo das aplicações da cortiça, e de que as fontes suberícolas, para satisfazer as necessidades mundiais daquele produto vegetal, continuam a ser nações suberícolas bafejadas pelo Mediterrâneo.

Estas palavras merecem, certamente, ser meditadas por todos os que se ocupam do sobreiro em Portugal.



CAÇA E PESCA

NOVA ÉPOCA VENATÓRIA

Por ALMEIDA COQUET

ATÉ ao momento de escrever estas linhas só tenho conhecimento de dois editais da Regional do Norte: o que diz respeito às rolas, e o que se refere às codornizes. Sobre o primeiro, tive a natural satisfação de ver realizado o que tanto tenho defendido há anos: só permitir a caça das rolas, à espera, na orla marítima.

O interesse da caça assim praticada, está essencialmente na espera, em manhãs de passagem, bando após bando, mais altas, mais baixas, mas sempre à espera, durante o exodo para o Sul. Porque, matar rolas isoladas no interior do País, não se pode admitir como tiro desportivo.

Aqui no norte sempre foi assim, e só é de louvar a Regional do Norte por ter repostas as coisas no seu verdadeiro pé.

Quanto às codornizes, vejo também com agrado que a mesma Regional emendou um tanto a mão, consentindo a abertura em 15 de Setembro. Discordo ainda das reduzidas áreas marcadas para esse efeito, o que fatalmente causará prejuízos à Lavoura pela forte concentração de caçadores nos terrenos abertos à caça.

Por mim, nunca pude concordar com aquela cláusula da lei: — **onde não sejam sedentários o coelho e a perdiz...**

Todos sabemos que as perdizes, em muitos locais, se deslocam dos montados e matas aos campos, procurando alimento. De manhã descem, e à tarde recolhem às bouças e encostas.

São estas perdizes **sedentárias** nos milharais? Não me parece. Mas quanto ao coelho, muitos há que vivem nas orlas

dos campos, e nos campos, só procurando refúgio nas bouças quando perseguidos. Julgo, portanto, que nada há que falar em **sedentarismo**. A lei — ou seu regulamento — só teria que dizer **as espécies que é proibido matar**, na altura em que for permitida a caça doutras. Isto aliás já é assim em muitos casos. Exemplo: — no Edital da Regional do Norte de 30 de Agosto de 1962, *que proibiu a caça à perdiz durante toda a época venatória, nos concelhos de Espinho, Vila da Feira e Vila Nova de Gaia; e no concelho de Amares, a caça à perdiz só permitida no mês de Outubro*. No entanto, durante estas proibições, **era permitido caçar ao coelho** embora a perdiz lá fosse sedentária.

Quer dizer, ao adoptar-se o critério acima, só se podia contar com duas coisas: ou **fiscalização**, ou o desportivismo dos caçadores que se presam de proceder com correcção.

A própria lei segue o mesmo critério, como no caso da galinhola, com cão de parar (§ 2.º do art. 10.º do Dec. n.º 37 983), com os tordos à mistura...

E no entanto lá estão as perdizes **nitidamente sedentárias**, não é verdade?

Portanto, sobre as codornizes (apesar de alguma perdiz ou coelho por lá **sedentários...**), está certo que se não proíba a sua caça em Setembro aqui no norte. E só o estado das culturas deverá retardar ou não a abertura de 1 de Setembro indicada na lei.

E não falando dos caçadores correctos que cumprem a lei, só há um meio para que ela seja cumprida tanto quanto possível: **fiscalização**.

Mas quanto a essa, lá diz a Regional no seu Edital de 2 de Agosto deste ano: — *"Dada a insuficiência da fiscalização de que dispõe, pela exiguidade do número de agentes que o seu magro orçamento mesmo assim dificilmente comporta..."*.

E é infelizmente verdade, verdade bem amarga se nos lembrarmos dos números que há pouco li no semanário lisbonense "Caça e Pesca", pela autorizada pena do sr. Nabais da Cunha. Ora veja o leitor.

Em 1961, o total de todas as licenças **pagas pelos pescadores**, deve ter orçado em **18 000 contos**. Pois daqui, as Comissões Venatórias de todo o País só receberam **uma sexta parte, 3 000 contos**, en-

quanto o Estado tomou a parte de lião, **9 000 contos**, e os Municípios, **6 000 contos**, isto é, o dobro das Venatórias!

Mesmo com o aumento do custo da licença de caça, segundo o projecto da nova lei, não se me afigura de modo algum justo que o Estado e os Municípios logrem tão vantajadas percentagens.

É essencialmente preciso que a maior parte da receita seja aplicada no aumento de uma **fiscalização** eficiente e ao custeamento da criação de perdizes, repovoamentos, etc.

Mas voltemos ao caso actual aqui no norte. Julgo que a Regional do Norte devia ter consentido a caça das codornizes em mais algumas veigas. E durante 15 dias, que tanto é o prazo até 1 de Outubro, faria incidir a sua fiscalização, em deslocações rápidas e de surpresa a essas zonas.

Bem magra — magríssima — é a fiscalização dos Serviços Florestais para o caso da pesca nas águas interiores. E no entanto, foram multados pescadores por trazerem nos cabazes trutas com dimensões inferiores ao mínimo estabelecido por lei. Não seria difícil, numa zona muito mais restricta, pedir aos caçadores para mostrarem as sacas...

Em contrapartida vemos que nada se faz no sentido de *travar* a negociata com as perdizes!

Aí é que está o *cancro* que era preciso estirpar. Mas não há coragem... e os interesses em jogo devem ser muitos!

Não posso deixar, mais uma vez, de chamar a atenção de **todos** para esta barbaridade: — o caçador desportivo, que passa a semana a trabalhar no seu comércio ou indústria, e que só dispõe dos domingos para caçar, tem, por lei, cerca de 14 dias na época, para ir às perdizes. Em contrapartida o profissional, tem, por lei, cerca de 107 dias para chacinar perdizes que entrega aos negociantes — incluindo os da "congelação".

Isto, se não vier a antecipação do fecho. Porque então, quem fica ainda a perder, é o **caçador desportivo**. O profissional, lá se arranja; tanto mais que hoje em dia, com os frigoríficos, muita perdiz se conserva, como se prova com a declaração pública do senhor Secretário da Re-

(Conclui na pág 670)

A cultura da Nogueira e as vantagens da sua expansão

Por
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2501, pág. 640)

Estudos e resultados experimentais

COMO referimos anteriormente nem sempre é fácil o estudo dos parasitas que provocam doenças nas plantas embora sem ele seja difícil ou impossível encontrar os métodos de combate às mesmas.

Mesmo assim quantas vezes sucede conseguir-se uma identificação perfeita do

que assolam as plantas nem sempre é favorável aos primeiros por maiores que sejam os esforços dispendidos.

Felizmente que o problema de combate à principal doença que ataca a noqueira está praticamente solucionado dado a dispormos já de um método bastante eficiente.

Contudo não foi fácil encontrar os elementos que nos permitiram identificar o fungo isolado de noqueiras doentes como sendo o mesmo que desde há mais de um século vem destruindo os nossos castanheais. Embora na sintomatologia se assemelhasse à doença dos castanheiros e os caracteres morfológicos e ensaios de parasitismo nos levassem à conclusão de que o fungo que obtivemos de material lenhoso de noqueiras infectadas era a *Phytophthora cinnamomi*, teríamos necessariamente de realizar estudos mais profundos. Na verdade, só por seu intermédio a identificação seria possível e por tal motivo além dos ensaios já referidos outros se realizaram e entre eles os relativos ao conhecimento dos seus órgãos de reprodução sexuada e assexuada. Primeiramente cultivamos em células de Van Tieghen o micélio do miceta em estudo e o de outro já estudado e identificado como sendo a *Phy. cinnamomi* causadora da «doença da tinta» dos castanheiros, observando em seguida ao microscópio



(Fig. 1) — A inoculação de castanheiros recém-germinados, cultivados pelo sistema indicado, permite a produção de esporângios em grande profusão

parasita sem se encontrar o almejado remédio para o exterminar. A luta entre os técnicos investigadores e as pragas

as hifas. Em ambos os casos estas são hialinas, ricas em substâncias de reserva, não septadas. Qualquer das culturas apresentavam numerosos corpos de formas as mais diversas.

Logo após esta primeira observação cultivamos os dois parasitas em placas de Petri contendo meio de cenoura gelosada para verificar se havia diferença entre as hifas do micélio aéreo e submerso, tendo constatado que aquelas do primeiro são menos ramificadas e que as do segundo apresentam um aspecto coralóide típico.

Medindo o diâmetro das hifas vegetativas achamos para a média de 100 as dimensões de 6,2 micron para o fungo da noqueira e de 5,8 para o estudado comparativamente, as quais se assemelham às encontradas também por outros fitopatologistas que identificaram a *Phy. cinnamomi*.

Ao mesmo tempo semeamos os micetas em questão em tubos de ensaio e placas de Petri contendo meios líquidos standards tais como os de Knop, Sintético de Petri e meio «A», os quais colocamos a temperaturas diversas. Mais tarde e após observações sucessivas encontramos numerosos corpos esféricos de conteúdo granuloso, sésseis ou quase, de parede ligeiramente espessada os quais a princípio se apresentam hialinos e mais tarde tomam a cor acastanhada. Estes corpos designados por alguns fitopatologistas como clamidósporos parecem ser órgãos de que o fungo se serve para resistir a condições adversas do meio, e são frequentes na espécie *Phy. cinnamomi*.

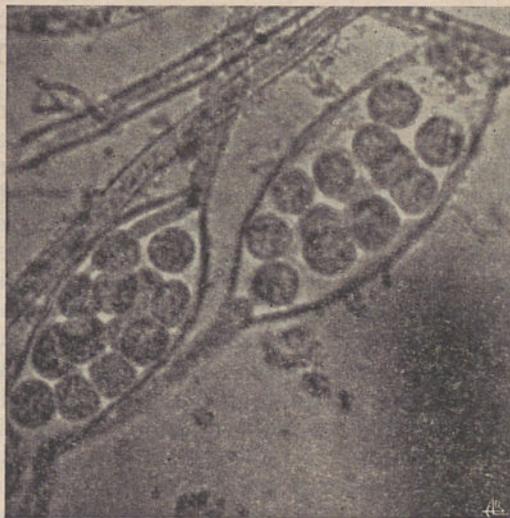
Os meios líquidos referidos e outros, normalmente pobres em substâncias nutritivas permitiram-nos também encontrar alguns corpos de reprodução assexuada (esporângios), mas em quantidade reduzida para um estudo eficiente das suas características.

Contudo, era necessário obter esporângios em número elevado e tentar a formação de oosporos, estes sempre difíceis de encontrar no género *Phytophthora* de Bary como referem a maioria dos fitopatologistas.

Empregamos todos os meios de cultura e processos indicados por estes mas só os conseguimos em grande profusão

fazendo intervir a acção biológica de um hospedeiro, método já experimentado por alguns micologistas mas por nós melhorado visto não termos alcançado os resultados desejados seguindo o sistema por eles indicado. Os nossos esforços foram felizmente coroados de êxito quanto à produção de esporângios embora não fossemos tão felizes quanto à produção dos órgãos sexuais (oosporos) pois apenas um ou outro se produziram.

Em frascos Erlenmeyer contendo o líquido nutritivo n.º 1 de Shive e Robins colocamos castanheiros (fig. 1), por serem os hospedeiros da doença mais susceptíveis, com alguns dias de desenvolvimento após a germinação, os quais inoculamos no eixo hipocotilo, com micélio dos fungos em estudo semeados 6 dias antes em cenoura gelosada. Os frascos com as plântulas mantiveram-se no laboratório à



(Fig. 2) — Esporângios do parasita da noqueira no interior dos quais se observam numerosos corpos arredondados (esporos)

temperatura ambiente. O líquido nutritivo foi mudado diariamente durante 10 a 12 dias, período de incubação da doença. Após a morte dos castanheiros passou-se a usar água da torneira a qual durante um período variável era mudada 2 vezes por dia a fim de facilitar a formação de novas hifas. Numerosos esporângios se formaram nos novos elementos miceliais

desenvolvidos na água e não no micélio que serviu de inóculo como alguns autores afirmam.

Estes órgãos de reprodução representavam as mais diversas formas, como a esférica, ovóide ou elíptica, etc., sendo na maioria simples e terminais mas alguns têm ramificação simpódica. O seu conteúdo é granuloso, não são papilados, têm a parede espessa e são ligeiramente acastanhados. Uns esvaziam por completo o conteúdo protoplasmático ou germinam directamente, mas a maioria dividem o seu protoplasma em pequenos corpos (esporos-zoósporos), os quais por germinação dão origem mais tarde a um novo indivíduo, (fig. 2).

O número de esporos em cada esporângio varia de 8 a 16 e as suas dimensões médias são de 35 micron de largura por 58 micron de comprimento. Estes elementos assemelham-se bastante em todas as suas características aos encontrados por outros fitopatologistas para a *Phy. cinnamomi*.

As considerações apresentadas embora pareçam sem interesse para o lavrador julgamos ser a pedra basilar para se conseguirem melhores nogais. Na verdade sem os conhecimentos anteriormente referidos e outros que é necessário obter para o estudo dos métodos de defesa da noqueira contra a doença, a lavoura não pode prosperar no campo agro-florestal.

É preciso conhecer-se os meios de propagação do mal e ainda a forma de nos defendermos dele quando de nogais não infectados. A característica saprofítica do parasita e a possibilidade de formação de numerosos esporângios na manta morta do solo ocupado por noqueiras doentes impõe ao lavrador cuidados especiais evitando sobretudo o transporte de terras infectadas, nozes e raízes apodrecidas etc., para locais arborizados ou a arborizar pela noqueira onde a doença ainda se não manifestou.

Embora nos fosse possível um maior desenvolvimento sobre os problemas da noqueira julgamos ser preferível aguardar melhor oportunidade para proporcionar à lavoura nacional conhecimentos mais profundos sobre a cultura, valorização, defesa e reconstituição dos nogais.

O apiário em Setembro

Quando o ano correr de feição costuma-se, em certas zonas, fazer uma segunda extracção de mel, das colmeias. É um mel, quase sempre, de qualidade inferior e em pequena quantidade.

Com o fim da estação melífera começam os trabalhos próprios: retirar, desinfectar e armazenar as alças; exame atento dos ninhos para avaliar das provisões para o Inverno; reforçar com quadros de reserva as colmeias onde as provisões sejam escassas, alimentação artificial das colmeias, conforme o estado dos enxames e o decurso do tempo. De todo esse trabalho dependerá, em grande parte o êxito da futura campanha.

Nova época venatória

(Conclusão da pág. 667)

gional do Sul: 3317 perdizes seladas no fecho da caça, em poder de negociantes!

E o que faz a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas? Não há ali pessoas competentes capazes de se debruçarem sobre este magno problema, e a necessidade urgente de o resolver?

Que tempo ali se perde (anos e anos) para apreciar este assunto da caça! Já foi assim com o assunto da pesca nas águas interiores, e mesmo agora com lei e regulamentos novos *em folha*, nada se avista que encorage os viciosos da linha e do anzol!

Pois se há cerca de 150 000 caçadores no País, não deve haver número inferior de pescadores. Quanto terão rendido as licenças de pesca em 1963?

Quanto não irão render as licenças de caça, com as novas taxas em projecto?

E não me digam que há assuntos de maior monta a resolver com prioridade, pois todos eles têm que ser resolvidos a tempo e horas, para que o conjunto da Administração seja perfeito, justo e útil.

MIRANTE

V A R I A Ç Õ E S

Pelo CONDE D'AURORA

"*A* vida da cepa chega até ao vinho como a da carne chega ao sangue, sem todavia conseguir igualar o rubim...

Mas as pedras preciosas... não é tão somente nossas púpilas que elas picam, cada uma com seu acento diferente, mas também o nosso paladar.

Uma é ácida, a outra dissolve-se como o mel entre a lingua e o palatino.

Se é possível dizer-se que se saboreia a púrpura, uma delas seria para nós como um borgonha; outra como um chateau-yquem; esta, como um xerês ou um madeira muito velho; e estoutra no ardor do álcool, e aquela na gaillardia generosa e como que heróica do chablis; e ainda esta cor do cobre a subir às narinas como um champanhe efervescente; e aquela conserva o sabor conjunto das colinas natais que o paladar ou distingue ou reúne. Mas que perito saberá acertar nas colheitas do azul, nos anos da eternidade, nas vindimas do espírito?"

Assim escreveu o poeta Paul Claudel na *Mística das Pedras Preciosas*.

Huysmans, na *Vinha Petrificada* fala-nos do "fio subterrâneo funcionando na obscuridade da alma", quando o sonhador, seguindo-lhe o percurso, vê "iluminar-se, de súbito, as suas adegas esquecidas, ligando-as aos celeiros desde a infância olvidados"...

E que dizer deste velho Entre Douro-e-Minho, pátria morena do granito, ao lembrar D. H. Lawrence "...detesto o calcário—viver sobre mármore, terrenos calcários, rochas calcárias. Detesto-os. São penedos mortos, não têm vida, não me fazem tremer os pés. Mas o granito! O granito é o meu preferido. É tão vivo sob os pés".

O hegeliano granito, "caroço das montanhas", princípio concreto por excelência.

.....
A resina, segundo Berkeley, atrai os raios do sol; não está apenas sob a influência do sol; armazena, activamente, todas as influências, todos os valores.

A resina por mais que escorra, é um ser de fogo. E não só porque arde com perfumes infinitos, mas porque é um ser do Estio, um poder do sol, um oiro vegetal.

.....
A água pura impregnada de matéria celeste, assim definiam os clássicos, o orvalho.

O principal alimento das sementeiras.

Suor dos céus e saliva dos astros, de que o Sol é o Pai e a Lua a mãe.

Como diz Fabre, o orvalho é um licor elementar que contém todas as virtudes e propriedades da Natureza.

E o mel mais não é que o espírito universal do ar corporizado e caído sobre as flores onde as abelhas o vão recolher...

O mel, segundo Frans Cumont (Os Mistérios de Mitridates) é, na alquimia, o símbolo da mais paciente, lenta e profunda decantação.

.....
Granito. Mel. Cêpas. Orvalho. Resina.

Luzem estrelas.

Azula a noite vestida de veludo escuro e silêncio.

Silêncio orquestrado, filtrado de todo e qualquer ruído parasita.

Geraz do Lima, Agosto, 1963

Secção Feminina

Utilidades para o tempo de férias

Quando partir para férias a nossa leitora deve tomar algumas providências para facilitar a limpeza no seu regresso e evitar estragos que às vezes dão grandes prejuízos. Ocupar-nos-emos, por isso, a dar-lhe alguns conselhos no que se refere à conservação dos tapetes e carpetes. Antes de partir deve deixá-los bem

limpos de pó, mas para isso, é preferível usar o aspirador, se tiver ou, caso contrário, batê-los com um batedor de verga, ou varas de junco. Convém que o tapete esteja encostado a uma superfície lisa e depois de batido deve escovar-se com



uma escova bastante macia para dividir as camadas de pêlo.

É muito importante não os sacudir com movimentos bruscos porque parte-se a trama, separando os fios da teia, que fica assim muito menos resistente. Além disso, muitas vezes sucede que os tapetes ficam esbambeados, pois ganham pontas nos sítios onde se pega para sacudir, visto que o seu peso provoca a deslocação dos fios.

Se tiverem linhas ou pêlos de animais domésticos pegados, basta esfregá-los fortemente com uma esponja embebida em água e espremida e saem rapidamente. Quando a esponja estiver suja, o que

sucede com muita frequência, passa-se novamente por água limpa e repete-se a operação.

Depois há que pensar em preservá-los das traças ou ratos, que tanto prejuízo dão. Contrariamente ao que muitas vezes se pensa, os tapetes e carpetes não devem deixar-se dobrados durante a nossa ausência para férias, pois se estragam muito mais estando abafados, além de ganharem vincos muitas vezes quase impossíveis de voltar a fazer desaparecer. Depende, é claro, da qualidade do pêlo.

Devem, por isso, deixar-se estendidos no seu sítio competente mas tendo os seguintes cuidados: polvilhar com DDT toda a sua superfície depois de ter colocado por baixo deles jornais bem estendidos. Ao mesmo tempo que os protegem, os jornais vão acumulando as poeiras e depois retiram-se com facilidade, facilitando a limpeza. Deve, especialmente, deixar-se bem polvilhada toda a parte que ficar debaixo de móveis ou no sítio em que assentam as pernas destes, pois a falta de maior circulação de ar é muito perigosa. Depois voltam a tapar-se com jornais que os preservam melhor da poeira e que, sendo porosos, não prejudicam o seu arejamento.

Quando os tapetes são muito valiosos, é melhor mandá-los a uma casa especializada onde lhe fazem um tratamento especial contra os parasitas, dando-lhes uma imersão em soluções próprias.

A cozinha ideal

A época em que muitas famílias se deslocam para as suas casas da província para passar uns dias de repouso é uma época ideal para se porem à prova

os conhecimentos culinários de uma dona de casa pois há mais recursos de legumes baratos e aves que se criam no galinheiro pequeno que se arranja ao canto do terraço ou à solta por campos e hortas. Podem agora experimentar-se alguns pratos que, na cidade, só nas épocas festivas se podem confeccionar.

Hoje apresentamos dois pratos que, parece-nos, as nossas leitoras poderão experimentar durante a sua estadia no campo.

Perua trufada

A perua trufada é pouco habitual nas nossas mesas, mas é deliciosa e tem um perfume delicado devido ao emprego das trufas. Para se conseguir um melhor efeito, é costume pôr algumas tiras delgadas destas entre a carne e a pele da perua, o que serve de enfeite. Mata-se a perua de véspera, depena-se e limpa-se, de modo a fazer-lhe uma abertura o mais pequena possível e conservando a pele do pescoço com o maior comprimento para se poder fechar bem a abertura depois de rechear.

Em seguida prepara-se o recheio desta forma: ralam-se ou cortam-se 600 gramas de banha de porco, bem frescas, pisam-se num almofariz, põem-se perto do lume para amolecem e passam-se por uma peneira fina, juntando o descasque das trufas — cerca de 800 gramas. As trufas escovam-se, lavam-se, descascam-se, limpam-se e cortam-se aos bocados aproximadamente de 2 centímetros de lado.

Põem-se depois numa tijela de infusão com meio grama de sal, outro tanto de pimenta moída, 4 colheres das de sopa de vinho da Madeira ou Porto seco e 3 colheres das de sopa de conhaque. Noutra caçarola põem-se as banhas já peneiradas e juntas com os bocados das trufas, rectificam-se os temperos de sal e pimenta, devendo ficar um pouco apertado. Leva-se ao lume muito brando até as banhas começarem a alourar e a ficarem levemente gelatinosas. Deixa-se arrefecer e juntam-se 300 gramas de «foie gras» (Pasta de fígado) passadas por peneira fina.

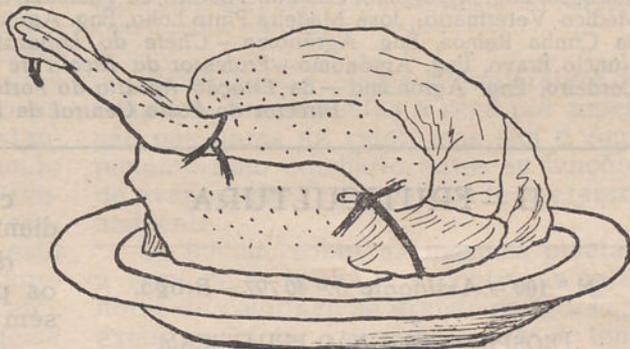
Recheia-se a perua com esta massa,

cortando o osso central mas conservando os peitos bem inteiros. Cobre-se a perua toda com uma larga tira de toucinho, de modo a ficar a cobri-la toda.

Salpica-se a perua de sal necessário e de pimenta, deitam-se por cima o conhaque e o vinho da Madeira, onde estiveram as trufas de infusão e assa-se. Se o molho for pouco, pode juntar-se um pouco de caldo de carne. Serve-se bem quente.

Pato com arroz à Portuguesa

Com os miúdos de um pato bem gordo, que deve ser morto 3 a 4 horas antes da preparação e não mais, faz-se um caldo com um litro de água fria, 5 gramas de sal, 1 cebola mediana cortada miúdo, pimenta, uma tira de toucinho, 150 gramas de presunto e uma cenoura picada. Estando tudo bem cozido, deita-se no



caldo o pato bem limpo, com as pernas e asas amarradas, numa caçarola onde caiba mal para ficar bem inteiro e não desfazer. Estando o pato quase cozido, tira-se e põe-se num tabuleiro em que tenha de ser servido e que possa ir ao lume, deixando-o na estufa, enquanto com o caldo da cozedura, se faz um arroz que fique bem solto. Estando o arroz pronto, rodeia-se com ele o pato que deve estar com o peito para cima, alisa-se o arroz, pondo por cima o toucinho cortado às tiras, o presunto igualmente cortado, o fígado cozido, a moela e 250 gramas de chouriço cortado às rodelas, que se cozeram previamente numa caçarola à parte. Unta-se o pato com 50 gramas de manteiga e leva-se ao forno a corar o pato e o arroz. Serve-se bem quente.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 100 — Assinante n.º 40 797 — Braga.

DIOSPIROS QUE NÃO FRUTIFICAM

PERGUNTA — Possuo alguns diospireiros que estão muito desenvolvidos e muito férteis. A floração é esplêndida, porém, logo que o fruto se começa a conhecer cai e continua até ao princípio da maturação. Alguns, não vingam nenhum fruto; outros, vingam muito pouco.

Agradecia o favor de me dizer que tratamento lhes poderei fazer para evitar tal prejuízo.

RESPOSTA — Os diospiros cultivados pertencem todos à espécie *Diospyros kaki* L. na qual, tendo em atenção a constituição floral podemos, segundo Trabut, considerar os grupos seguintes:

GRUPO A — Plantas *monoicas*, com flores femininas:

- a) — Produzindo frutos sem sementes;
- b) — Produzindo frutos sem fecundação, mas podendo ser fecundados;

c) — Produzindo apenas frutos mediante a fecundação;

d) — Dando frutos semelhantes quer os provenientes de fecundação quer os sem ela;

e) — Dando frutos cujas características variam se estes são ou não fecundados.

GRUPO B — Plantas *monoicas*, tendo as flores masculinas reunidas em inflorescências triflorais:

a) — Individuos com flores masculinas sempre;

b) — Individuos que nem sempre possuem flores masculinas.

GRUPO C — Plantas *dioicas*, com flores todas masculinas ou todas femininas.

As variedades cultivadas incluem-se quase na sua totalidade no Grupo A, podendo o desenvolvimento do fruto resultar — por *partenocarpia*, isto é, sem fecundação, ou com fecundação e consequentemente com sementes.

Os frutos provenientes da *partenocar-pia* são adstringentes na altura da matu-ração e só depois de sorvados, depois da transformação dos taninos, se tornam agradáveis.

Nos que derivam da fecundação a polpa, especialmente junto às sementes, adquirem sabor doce e agradável, na altura da maturação, antes portanto da super-maturação, muito embora a sua cor não seja ainda o alaranjado característico. Assim quanto maior número de sementes tiverem mais acentuada será esta caracte-rística.

Essas modificações da polpa resultan-tes da fecundação são designadas sob o nome de *metaxénia* — sendo vulgar nas pomóideas.

As variedades provenientes do Grupo A reagem diferentemente quando são ou não fecundadas artificialmente, podendo dividir-se em dois sub-grupos: um em que a fecundação não tem acção sensível quer sob as qualidades do fruto *metaxé-nia*, quer sob a percentagem de frutos vingados, pertencendo a este grupo as variedades Costata e Mageli; nas restan-tes variedades que constituem o segundo grupo a fecundação artificial aumenta sensivelmente a percentagem de frutos vingados e influi na qualidade destes. A este grupo pertencem as variedades mais inter-essantes — Bertii, Kirakaki, Castelani, etc..

Vamos agora considerar o problema da produtividade à luz destas noções.

A queda dos frutos podem ser prove-niente de causas gerais a que estão sujeitas todas as fruteiras e que serão tra-tadas em dois artigos desta revista e a causas particulares ligadas a este espécie.

Assim e além dessas causas que se irão referir noutra parte, no caso parti-cular dos diospiros poderá responsabilizar-se pela queda dos frutos a falta de fecundação, especialmente se as varie-dades pertencem ao segundo sub-grupo do Grupo A.

Dado que em Portugal a cultura dos diospiros está pouco difundida, não se cultivando praticamente variedades dos Grupos B e C, interessava, sempre que se constituam pomares de diospiros interca-lar uma variedade polinizadora, pertencente ao Grupo B.

Deve esclarecer-se que não servem

para polinizadoras as espécies — *D. lotus* e *Virginiana*, utilizadas como porta-en-xertos. — *Madeira Lobo*.

V — HORTICULTURA

N.º 101 — Assinante n.º 43598 — Cascais.

REGA POR ASPERSÃO

PERGUNTA — Para a rega de horta e prados temos adquirido uma instalação de torniquetes para a rega a chuva. Sendo que esta rega é muito demorada, encontramos na necessidade de deixar os torniquetes a trabalharem mesmo durante as horas de calor. Bem é sabido que não convém regar nesse tempo, quando a terra é quente, mas no nosso caso, a terra já encontra embebida de água e portanto fresca.

Podemos continuar com esta rega a chuva mesmo nas horas de calor, ou não?

Trata-se de horta (couves, tomates, cenouras, espinafres, hortaliça, etc.), batatais e de terrenos com luzerna, azevém, milho, etc..

RESPOSTA — Não é a temperatura da terra que desaconselha a rega por asper-são nas horas de calor, mas sim o rom-pimento dum equilíbrio entre as funções de evaporação da planta e da temperatura ambiente.

Se iniciar, sobre as mesmas plantas, a rega pela manhã e a continuar pelas horas de calor não há grande perigo. Este existe se iniciar a rega nas horas de tem-perature mais elevada.

A rega por aspersão implica uma vigi-lância grande ao comportamento sanitá-rio das plantas. Alguma das que cita (por exemplo tomateiro, batata, espinafres) podem ser atacados por vários fungos cuja vida é facilitada pela permanência da água sobre as folhas. — R.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 102 — Assinante n.º 42956 — Almeida.

CARUNCHO DA OLIVEIRA

PERGUNTA — Envio o tronco de um ramo de oliveira, atacado por uns bichinhos que se encontram introduzidos no entrecasco, nos orifícios indi-cados por uma espécie de serradura.

O olival tem cerca de 400 oliveiras plantadas vai para 12 anos, e algumas encontram-se já completamente secas, morte esta provocada, sem dúvida, pelo referido bichinho.

Desejava que me indicasse o tratamento a fazer, se for caso disso, ou se terei que deixar morrer o olival por não ter cura a referida doença.

Mando também uns bichinhos que encontrei na oliveira em que cortei o ramo, que, muito embora me pareça não terem ligação com a praga, fará o favor de examinar.

RESPOSTA — O parasita que está a escavar de forma típica o entrecasco das suas oliveiras é o «Fleótribo». Trata-se segundo a sua denominação comum do «caruncho da oliveira» que sob a forma de insecto perfeito ou de suas larvas saídas de ovos originam pelas perfurações que provocam estragos como os que foram verificados na amostra enviada.

O seu combate é difícil, mas sobre o assunto seja-nos permitido invocar o Professor Sousa d'Almeida que nos diz:

Armadilhas — Depois dos olivais serem limpos e podados, colocam-se feixes de ramos medianamente grossos e lisos. De tempos a tempos visitam-se estas armadilhas e quando se verifica sobre os ramos montículos de detritos semelhante serradura, que são os excrementos das larvas, juntam-se os feixes e queimam-se.

Cuidados culturais e profilácticos — Fazer cedo a poda às árvores. Limpar cuidadosamente os pés. Retirar antes de Março toda a lenha dos olivais. Não deixar a lenha da poda ao ar livre. Ou recolhe-la em casas bem fechadas, ou se cobre com terra bem batida.

Parece que as pulverizações com calda ferro-cálcica tem uma certa acção repulsiva. — *Benevides de Melo*.

*

N.º 103 — Assinante n.º 43 598 — *Cascais*.

PEDRADO DA NESPEREIRA

PERGUNTA — Possuo uma dúzia de nespereiras grandes atacadas de uma doença que se caracteriza por: a casca dos troncos descasca-se e os frutos enegrecem e secam. Aconselharam-me o tratamento com sulfato de ferro, 2 kg, sulfato de cobre, 2 kg, cal 7 kg, em 100 litros de água.

Os troncos e os ramos devem ser raspados e,

só depois, caiados e pulverizados. A operação deve ser repetida cada 20 dias.

Antes de começar este tratamento, desejava conhecer o parecer de V. no caso de existir outro tratamento mais barato e eficaz, agradecia a sua indicação.

Os frutos secos devem ser tirados da árvore?

RESPOSTA — A doença conforme é descrita na vossa carta, leva-nos a presupor tratar-se do «pedrado» da nespreira.

Como tratamento, recomendamos-lhe fazer no fim do Verão dois tratamentos em pulverização perfeita com a seguinte calda:

Água	100 litros
Cal.	4 kg
Sulfato de cobre	2 kg
Albolineum ou equivalente. . .	1/2 litro

Posteriormente, quando os botões florais estiverem para abrir aplique à fruteira igualmente em pulverização um tratamento de Dithane M-45 a 0,25%, adicionado dum molhante.

Este tratamento, deve depois ser repetido até quase à maturação de 10 em 10 dias. — *Benevides de Melo*.

*

N.º 104 — Assinante n.º 36 899 — *Caxias*.

EFEITO DE HERBICIDAS SOBRE VIDEIRAS

PERGUNTA — Envio uma amostra de folhas de videira doente, a fim de que V. se digne examiná-las e indicar-me a forma de combater tal enfermidade.

RESPOSTA — Não se trata de nenhum sintoma de «doença» aquele que a amostra tão caracteristicamente revela. As deformações verificadas são devidas ao efeito de herbicidas à base de 2,4 D aplicados na vizinhança dos pés de videira.

Pulverizadores que tenham servido a mondas químicas e que se encontrem mal lavados podem também pelo efeito residual daquele produto causar acidentes como os verificados quando são utilizados posteriormente na aplicação de tratamentos fitossanitários em pulverização. — *Benevides de Melo*.

XV — APICULTURA

N.º 105 — Assinante n.º 43 — Mesão Frio.

MESTRA QUE NÃO DESCE DO CORTIÇO PARA A COLMEIA SOTOPOSTA; ENXAME INSTALADO DE NOVO EM COLMEIA MÓVEL E QUE PROGRIDE LENTAMENTE

PERGUNTA — Rogo-lhe o obséquio de me elucidar sobre os casos abaixo expostos, os quais, na minha ignorância sobre o assunto, não consigo resolver.

No dia 31 de Maio pretendendo passar dois cortiços para colmeias, coloquei sobre os ninhos com os respectivos quadros revestidos de cera os tabuleiros competentes com um orifício central aberto, e sobre cada taboleiro os referidos cortiços com todas as entradas tapadas de forma a obrigar as abelhas a servirem-se da fenda da colmeia, o que elas fizeram. Porém, a mestra conserva-se no cortiço e as obreiras não puxaram nenhuma cera nos quadros. Os enxames não passaram para as colmeias. Que devo fazer agora?

2.º Recolhi num cortiço um enxame que dum outro saiu e despejei-o numa colmeia nova com quadros e cera moldada. Pouco depois o enxame abandonou a colmeia e foi recolher-se num cortiço ao lado, povoado, creio que o mesmo donde saíra.

Ficaram, porém, na colmeia algumas, poucas, abelhas que puxaram cera em alguns quadros onde depuzeram mel. Não têm criação nem ovos e não têm mestra. Não tenho possibilidades de lhes fornecer qualquer quadro com postura.

Tenho ainda cortiços do ano passado e mesmo deste ano (apanhados no fim de Maio). Deverei juntar-lhe algum nesta altura do ano? Como fazer?

Estou a convencer-me de que, este ano, já não tiro mel das colmeias.

Desde já agradeço muito reconhecido quaisquer indicações que me habilitem a resolver estas dificuldades.

Visitei esta colmeia e verifiquei que, embora muito pouca, tem realmente alguma criação, mas não consegui lobrigar sombra de mestra.

RESPOSTA — 1.º O processo que o sr. consulente usou já é conhecido, de há muito, como moroso; a mestra não passa logo para baixo porque tem a criação em cima e, certamente, bastante espaço ainda para prosseguir na postura.

Deve, portanto, esperar ou, não querendo, adoptar outro método, o que, todavia, já é tarde na presente época do ano.

2.º Sou levado a crer que o pequeno enxame que ficou na colmeia nova possui abelha mestra, porquanto, sem ela, de há muito as obreiras a teriam abandonado, voltando para o cortiço antigo como fizeram algumas das suas companheiras pouco depois do sr. consulente ter efectuado a passagem.

Não é de admitir, nas circunstâncias apontadas, a hipótese de obreiras poeideiras, a não ser no caso da fecundação da mestra ter falhado; deve, portanto, esperar mais algum tempo e, entretanto, se puder, ir-lhe dando, à noitinha, durante uns dias, pequenas doses de mel, amassado com açúcar, colocados numa folha de papel de jornal assente directamente sobre os quadros.

3.º Só excepcionalmente as colmeias móveis dão mel no ano em que são povoadas; não deve o sr. consulente, portanto, estranhar que tal lhe venha a suceder, o que, aliás, nesta altura, já é uma realidade evidente. — Vasco Correia Paixão.

XVI — AVICULTURA

N.º 106 — Assinante n.º 43 038 — Ponte do Lima.

PROLAPSO DA CLOACA OU DO OVIDUTO

PERGUNTA — Tenho um pequeno aviário e há algum tempo para cá aparecem-me galinhas desovadas, isto é, com o ovo pendurado e envolvido numa pele. Passados 2, a 3 dias, a galinha morre.

Desejava saber se é doença contagiosa, ou se será acidente originado por qualquer deficiência na alimentação.

O que peço é o favor de me dar uma resposta urgente, pois receio que outras se contaminem.

RESPOSTA — Pela sintomatologia apresentada, julgamos tratar-se de pro-

Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.

lapso da cloaca ou do oviduto, processo este cuja etiologia está mal definida.

Surge, no entanto, com relativa frequência nas galinhas que iniciaram a postura muito precocemente, devido quer a uma alimentação demasiadamente proteica quer a excesso de luminosidade dos galinheiros.

Só excepcionalmente esta perturbação da ovoposição resulta de qualquer doença parasitária ou infecciosa, com localização no aparelho genital, designadamente tricomoniase, tifose e pulrose, mas é, geralmente, acompanhada doutras manifestações próprias dessas doenças.

Se os casos de prolapso mostrarem tendência para generalização, convirá enviar algumas aves afectadas para exame laboratorial (Laboratório Nacional de Investigação Veterinária — Estrada de Benfica, 701 — Lisboa).

Entretanto, reduzir a percentagem de proteínas da ração, administrando, além da ração farinada, alguns grãos de cereais e escurecer um pouco o galinheiro, se tal se justificar. — *Sérgio Pessoa*.

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 107 — Assinante n.º 43 404 — Porto.

QUOTA DISPONÍVEL. PARTILHAS

PERGUNTA — *A* e *B* eram casados em comunhão de bens. Deste casamento há vários filhos, todos maiores. *A*, faleceu deixando testamento a favor de *B*, nos termos seguintes:

«Que faz este testamento; e por ele institui seu marido *F*... único e universal herdeiro da quota disponível de toda a sua herança. Nomeando seu testamentário o mesmo seu marido; à vontade do qual se procederá quanto ao funeral e sufrágio ou bens de alma dela testadora. Que este é o primeiro testamento que faz e que quer que se cumpra inteiramente como disposição da sua última vontade».

Em face do teor do documento transcrito acima desejará saber:

1.º — Qual é a quota disponível doada por *A* a *B*?

2.º — Se os filhos têm direito a partilhas da parte não doada a *B* por *A*?

3.º — Mesmo que a Lei lhes dê esse direito, se

há algum prazo para exercê-lo ou se esse direito poderá ser solicitado em qualquer tempo?

4.º Caso seja acordado ficar tudo em comum até à morte de *B*, se é obrigatório qualquer documento notarial ou se este é apenas aconselhável?

RESPOSTA — 1. Em primeiro lugar devo dizer que, em face do documento transcrito, não se pode dizer que haja doação de *A* e *B*.

Ora, tendo sido *A* e *B* casados com comunhão de bens, por morte de *A*, *B* ficou pleno proprietário de metade dos bens que pertenciam ao casal. A outra metade é que passa a constituir os bens da herança.

Quanto a estes, a cota disponível equivale a metade.

Assim, e atendendo a todos os bens que pertenciam em vida de *A* ao casal, $\frac{3}{4}$ são de *B* e $\frac{1}{4}$ dos filhos.

2. Sem dúvida, embora essa partilha tenha que ser feita em relação a todos os bens, pois cada um dos herdeiros e o cônjuge meeiro (*B*) tem direito a quotas ideais de todos os bens.

Quer isto dizer que, supondo a herança constituída por 4 prédios iguais, *B* tem, não havendo partilhas, direito a $\frac{3}{4}$ de cada prédio e os filhos a $\frac{1}{4}$, o que é diferente de dizer-se que *B* tem direito a 3 prédios e os filhos a 1.

3. Pode ser exercido a todo o tempo.

4. Não é obrigatório qualquer documento, pois, pela morte de *A*, *ipso-facto*, os bens passaram a estar em comum entre os filhos e o cônjuge meeiro na proporção de quotas indicado e só a partilha pode modificar tal estado.

Esta é que terá de constar do documento autêntico, ou então resultar de sentença proferida em inventário judicial, que, no caso, será de maiores.

No entanto, para efeitos de registo, é necessária uma habilitação de herdeiros. — *A. M. O. Pinheiro Torres*.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Tonéis de boa madeira, bem avinhados, de 4 a 5 pipas, compra a Casa de Vilaverde. Moreira de Cónegos — Vizela.

Leitões «Large White», vendem-se na Quinta de Prime — Viseu.



INFORMAÇÕES

Calendário de Setembro

Durante este mês a duração do dia é de 13 h. e 4 m. em 1, e de 11 h. e 53 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Domingo	6. 4	19. 8	18. 1	3.13
2 Segunda	6. 5	19. 7	18.42	4.18
3 Terça	6. 6	19. 6	19.20	5.26
4 Quarta	6. 7	19. 4	19.55	6.35
5 Quinta	6. 8	19. 3	20.28	7.46
6 Sexta	6. 9	19. 1	21. 1	8.57
7 Sábado	6.10	19. 0	21.35	10. 9
8 Domingo	6.11	18.58	22.13	11.21
9 Segunda	6.12	18.56	22.55	12.31
10 Terça	6.13	18.55	23.42	13.39
11 Quarta	6.14	18.53	*	14.43
12 Quinta	6.15	18.52	0.34	15.41
13 Sexta	6.15	18.50	1.33	16.32
14 Sábado	6.16	18.48	2.35	17.16
15 Domingo	6.17	18.47	3.38	17.54
16 Segunda	6.18	18.45	4.41	18.27
17 Terça	6.19	18.43	5.42	18.57
18 Quarta	6.20	18.42	6.42	19.24
19 Quinta	6.21	18.40	7.40	19.51
20 Sexta	6.21	18.38	8.37	20.19
21 Sábado	6.22	18.37	9.34	20.46
22 Domingo	6.23	18.35	10.32	21.16
23 Segunda	6.24	18.34	11.29	21.50
24 Terça	6.25	18.33	12.26	22.27
25 Quarta	6.26	18.31	13.21	23.10
26 Quinta	6.27	18.29	14.15	23.59
27 Sexta	6.28	18.28	15. 6	*
28 Sábado	6.29	18.26	15.52	0.56
29 Domingo	6.29	18.25	16.35	1.57
30 Segunda	6.30	18.23	17.14	3. 3

Q. C. em 26 às 0 h. 38 m.; L. C. em 3 às 19 h. e 34 m.; Q. M. em 10 às 11 h. e 42 m.; L. N. em 17 às 20 h. e 51 m.

Sobre a defesa das pelarias dos Bovinos

Decreto-Lei n.º 45 085

Os couros e peles da espécie bovina constituem um valor económico tanto mais de considerar quanto é certo ser o País altamente deficitário nesta matéria-prima.

Importa, pois, melhorar a preparação da pelaria de que dispomos, por forma a permitir que a indústria nacional de cortumes aumente o rendimento e a qualidade dos seus produtos.

Todavia, o emprego, sem qualquer limitação, das marcas de fogo constitui uma causa importante de desvalorização da pelaria de bovinos.

E assim, não sendo facilmente exequível a abolição pura e simples do uso daquelas marcas, convém limitar o seu emprego, de modo a evitar a depreciação da pelaria nacional.

Nestes termos e sob proposta da Junta Nacional dos Produtos Pecuários:

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do art. 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º O gado bovino, com excepção do gado de raça brava, só poderá ser marcado a fogo na cabeça, nas tâbuas do pescoço e em qualquer outra região situada abaixo do plano definido pelas articulações humero-rádio-cubitais e fémur-rótulo-tibianas.

§ único. Não serão aplicadas, em cada animal, mais de três marcas a fogo (ferro, número de ordem e era), cada uma das quais não poderá exceder a área definida por um quadrado de 15 cm de lado.

Art. 2.º As infracções do disposto no artigo anterior e seu parágrafo serão punidas, respectivamente, com multa de 100\$ a 200\$ e de 50\$ a 100\$ por animal, seja qual for o seu número, não podendo, todavia, o montante total, em qualquer dos casos, ser superior a 50 000\$.

Art. 3.º Sem prejuízo do disposto no Dec.-lei n.º 35 007, de 13 de Outubro de 1945, competem especialmente às Direcções-Gerais dos Serviços Pecuários e dos Serviços Agrícolas, à Intendência-Geral dos Abastecimentos, às câmaras municipais, e à Junta Nacional dos Produtos Pecuários

a fiscalização destinada a impedir a prática ou a promover a repressão das infracções previstas neste Dec.-lei, e bem assim o exercício da respectiva acção penal, devendo de cada auto constar a identificação dos animais que deram origem à infracção.

Art. 4.º Considera-se delegada nas autoridades e entidades referidas no artigo anterior a instrução preparatória dos processos correspondentes aos autos lavrados.

Art. 5.º As disposições do Dec.-lei n.º 41 204 são aplicáveis à preparação e julgamento das infracções a que se refere este diploma, bem como à definição e graduação da responsabilidade dos seus agentes e ao destino das multas.

Estado das culturas em 31 de Julho

Informação fornecida
pelo Instituto Nacional de Estatística

Exceptuados os primeiros dias do mês, em que se registaram temperaturas ligeiramente inferiores às normais, Julho decorreu por vezes excessivamente quente e seco, sobretudo durante a terceira década. Estas condições de tempo foram propícias à execução dos trabalhos de campo e favoreceram o desenvolvimento das culturas regadas, para as quais houve relativa abundância de água. As culturas de sequeiro, pelo contrário, foram prejudicadas pelo estado de secura da terra e pelas temperaturas elevadas, apresentando frequentemente aspecto pouco satisfatório.

As ceifas de trigo ficaram praticamente terminadas, tendo prosseguido os trabalhos de debulha em todo o País. Ao passo que nas regiões do Norte e Centro, exceptuada a de Santarém, os rendimentos unitários segundo se prevê, serão superiores ao do ano passado, no Sul, ou seja, nas principais regiões produtoras deste cereal, os resultados obtidos não são considerados satisfatórios. O rendimento médio previsto para o conjunto do Continente era, no final do mês, inferior em 17 0/0 e 26 0/0, respectivamente, em relação ao do ano passado e ao rendimento médio do último decénio.

Quanto ao centeio, prevê-se que a produção unitária ultrapasse em 20 0/0 a do último ano, o que equivale a mais 4 0/0 que a média decenal.

Em primeira estimativa, avaliam-se as colheitas de aveia e cevada em 96 0/0 e 89 0/0 dos anteriores, ou seja, menos 3 0/0 e 20 0/0 respectivamente, que as produções médias do último decénio.

Igualmente em primeira estimativa, prevê-se que a produção de batata de sequeiro ultrapasse em 20 0/0 a anterior, não atingindo a média do decénio (— 15 0/0).

A segunda estimativa de colheita de fava indica uma produção inferior quer à do ano passado quer à média decenal (— 7 0/0 e — 11 0/0, respectivamente).

As searas de arroz, apesar de beneficiadas pela elevação de temperatura registada a partir de meados do mês, apresentam aspecto variável, no-

tando-se em muitas o efeito prejudicial da irregularidade climática dos meses anteriores.

Em face do desenvolvimento que tomaram as ervas infestantes, houve que intensificar os trabalhos da monda.

Nos olivais, que floriram abundantemente, não se notou um vingamento correspondente, em consequência das condições adversas de clima. Todavia, apesar da queda de muita azeitona, ultimamente registada, espera-se que a próxima colheita venha a superar a da campanha anterior.

No final do mês o aspecto das vinhas era variável, prevendo-se geralmente produções inferiores às do ano passado, mas superiores às médias dos últimos 10 anos. Ataques de mildio e principalmente de oídio têm provocado estragos em algumas regiões, mas sem atingirem grande intensidade.

Durante o mês escasseou a produção de forragens verdes, por terem secado, na sua maior parte, as pastagens naturais. Como é habitual nesta época do ano, a alimentação do gado fez-se à base de rações secas e de culturas forrageiras de regadio, tendo-se recorrido aos restolhos nas regiões de sequeiro.

As feiras e mercados registaram afluência normal, não se tendo notado oscilações sensíveis e generalizadas nos preços dos géneros e dos gados, salvo no que respeita ao de alguns produtos da nova colheita, nomeadamente batata e cebola, que baixaram. O mercado do vinho mantém-se praticamente sem movimento, pelo que os vinicultores continuam a colocar a última colheita através da Junta Nacional do Vinho.

De um modo geral, mantiveram-se as condições que se têm referido, respeitantes à mão-de-obra agrícola. Em algumas regiões, terminados os trabalhos de ceifa e debulha, os salários desceram ligeiramente e surgiram dificuldades de colocação em alguns locais. Em contrapartida, nas regiões de policultura, a procura mantém-se superior à oferta, continuando os salários a mostrar tendência para subir.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

Fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

2.ª década (11-20) de Agosto de 1963

Influência do tempo nas culturas

O estado do tempo durante a década, com temperaturas não muito altas e períodos de chuva, beneficiou as culturas e facilitou a execução dos trabalhos de campo — ceifas, debulhas e, em algumas regiões, sementeiras de batata para o Outono.

Os produtos hortícolas e os frutos próprios da época (melões, melancias, peras, pêssegos, maçãs, etc.) são em regra de boa qualidade.

Houve ataques de mildio e oídio em vinhas da região de Viana do Alentejo.



A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

Electro-Bombas

desde o mais pequeno monofásico até ao maior trifásico multicelular

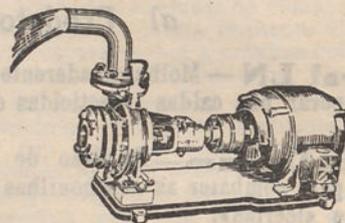
Proteja o seu grupo com um automático **BROOK**
ou com interruptor de boia

Tubos em ferro e plástico

CONFIEM na grande experiência da

Casa Cassels

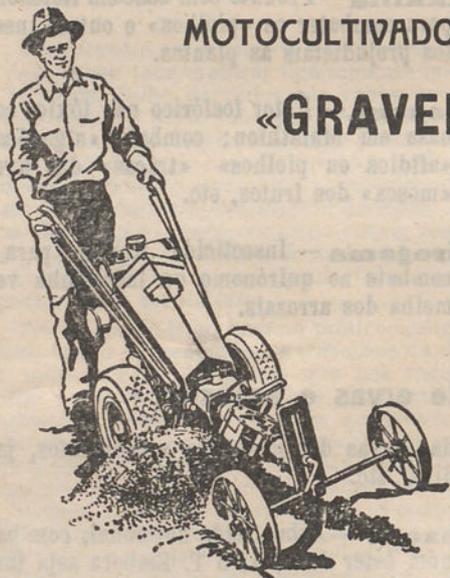
Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



3927

MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —

Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

8886

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação



MODELO M4CH

Medidora para Petróleo, Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 43001

FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 23 — Telef. 22144

AGÊNCIAS | COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512

| FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 318.3286

São-lhe necessários nesta época estes livros:

Limpeza da adega e conservação do material vinário, por *Henrique Coelho*. — 52 pág. c/ 16 grav. 6\$50

A vindima, por *Henrique Coelho*. — 40 páginas, com 11 gravuras. . . 6\$50

Como se faz o vinho, por *Henrique Coelho* 8\$00

Tratado prático de vinificação, por *M. Rodrigues de Moraes*. — 3.^a edição muito melhorada. — 254 páginas, com 56 grav. 36\$00

Determinação da acidez dos vinhos, por *Henrique Coelho*. — 39 páginas, com 27 gravuras . . . 5\$50

Determinação do extracto seco dos vinhos, por *Henrique Coelho*. — 48 páginas, com 12 grav. 5\$50

Instruções sobre o fabrico e conservação do vinho de pasto . . . — Separata de um trabalho publicado em vários números da «*Gazeta*», pelo eng.^o agrónomo *Mestre Mário Pato* 5\$50

Conservação do vinho, por *Henrique Coelho*. — 35 páginas, com 8 gravuras 5\$50

Determinação do grau alcoólico dos vinhos, por *Henrique Coelho*. — 41 págs. com 25 gravuras 5\$50

Nestes preços está incluído o porte do correio. A' cobrança, mais 2\$00

Pedidos à GAZETA das ALDEIAS

VINDIMAS

Venho lembrar aos Srs. Vinicultores que há toda a vantagem em desinfectar o material vinário e tratar convenientemente os mostos, pois só assim se podem obter vinhos bem constituídos e são Tenho para entrega imediata e aos melhores preços do mercado:

Ácido Cítrico e Tartárico, Anidrido Sulfuroso, Barro Espanhol, Bentonite, Carbonato de Sódio Carbozone (envelhecedor de vinhos), Carvão Vegetal Descorante, Encocianina (corante para vinhos), Fosfato de Amónio, Glutofix K (cola para rótulos), Goma Laca, Grisiron (descorante e desinfectante de vasilhas), Leveduras Seleccionadas, Mastic Francês, Mechas de Enxofre em pastilhas, Metabissulfito de Potássio em cristais, pó e pastilhas, Parafina Refinada, Permanganato de Potássio, Sêbo de Empostigar, Solução de Anidrido Sulfuroso a 6%, Trosilina Bayer, **ENOTANINO APPERT**, o tanino mais puro existente no mercado, Tanino puro pelo álcool, etc., etc., bem assim: Aparelhos de Laboratório DUJARDIN-SALERON E HEBEL, (Glucómetros, Mostímetros, Pesa-Mostos, Termómetros de Fermentação para Lagar, etc.), Filtros, Bombas de Trasfega e todo o material da consagrada marca **SEITZ-WERKE**.

Fico ao inteiro dispor de V. Ex.^{as} para lhes prestar qualquer esclarecimento de que necessitem

PEDIDOS A:

ANTÓNIO G. PINTO DE FREITAS

LARGO DE S. DOMINGOS, 15 — PORTO — Telefone, 27350

3967

Máquinas Agrícolas Grupos Moto-Bombas e Motores "BERNARD"

Tararas de diversos tamanhos, *Prensas, Esmagadores, Charruas, Semeadores e Sachadores* nacionais e estrangeiros "Planet", *Tractores* marca "Ocrim" e "International", etc.

SEMENTES de Horta, Prado e Jardim □ ADUBOS simples e compostos

Pedidos ao: **Centro Agrícola e Industrial, Lda.**
Telef. 25865/6 307, Rua de Santa Catarina, 309 — PORTO Teleg. «Agros»

2747

O Perdigueiro Português 2.^a edição pelo Padre Domingos Barroso

Um livro cheio de interesse não só para os devotos de Santo Huberto, mas ainda para todos os estudiosos que queiram conhecer, o melhor possível, o Perdigueiro Português.

Preço, 30\$00

Pelo correio, à cobrança, 33\$00

Folhas de Registo de lagaradas muito úteis ao vinicultor

10 . . .	6\$00	50 . . .	19\$20
20 . . .	9\$90	100 . . .	34\$70

Porte e registo incluídos

Pedidos à GAZETA das ALDEIAS

VINDIMAS

Análises e Material de Laboratório

O Estabelecimento *Vino-Vito*, ao iniciar a *Campanha Vinícola do corrente Ano*, cumprimenta os seus estimados clientes, desejando-lhes uma boa colheita e de boa qualidade.

A nossa Casa que há Anos vem prestando à vinicultura, toda a *assistência técnica*, estará ao V/ dispor para qualquer consulta.

ANÁLISES DAS UVAS, poderão uns dias antes das vindimas, fazer uma colheita de uvas, tiradas de diversos pontos da vinha o *mais homogénea possível* e fazer-nos o seu envio rapidamente, a fim de serem analisadas, para lhes dar depois a análise do mosto dessas uvas e bem assim o *tratamento a efectuar* na altura das vindims.

Temos para venda todo o material de análises, como pesa-mostos. (Mustímetros, Gleocómetros) da casa Saleron e Hobel, termómetros, provetas, e o *Acidímetro Vino-Vito*, para determinar a *acidez total tartárica do mosto*, e bem assim todo o material e produtos para tratamento dos mostos.

ANÁLISES

Efectuamos todas as análises de produtos de alimentação. Vinhos, Vinagres, Aguardentes, AZEITES, banhas, manteigas, licores, etc., etc.

Cursos de análises e tratamento de Vinhos. Reparação e aferição de material de análises (Ebuliómetros, acidímetros) etc., etc.

Dirigir ao Estabelecimento *Vino-Vito*, R. Cais de Santarém N.º 10-1.º dir.º — Lisboa (Ao Cais da Areia) Telefone P. B. X. 869930.

É nosso agente no Porto a conceituada firma António Moutinho & C.ª Lda, Rua de Santo António N.º 52, Telefone 20173.

Agente no Bombarral: Patuleia & Patuleia, Lda — Telefone P. P. C. 62344

3965

Cruz, Sousa & Barbosa, Lda

R. D. João IV, 567-2.º — PORTO — Tels. 27656 e 27657

P A P É I S E

MÁQUINAS GRÁFICAS

2457

Lebaycid®

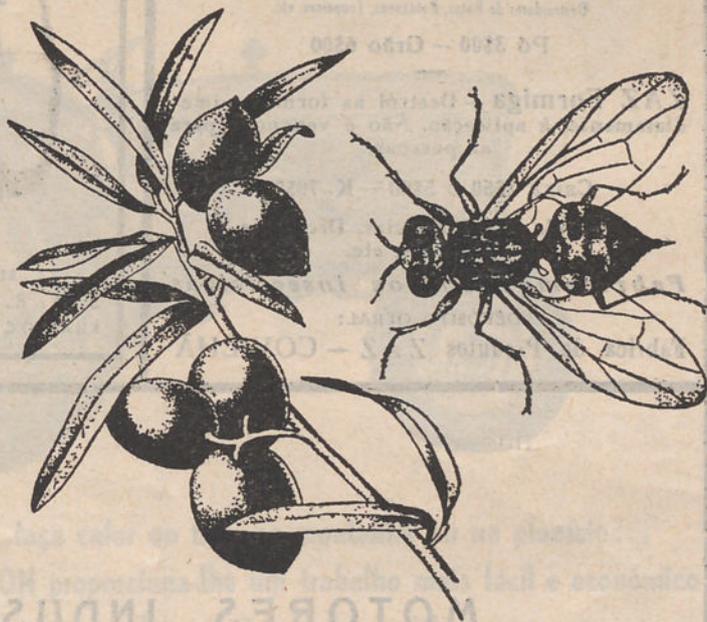
um insecticida



3960

para o combate à

Mosca da Azeitona e suas larvas



O LEBAYCID caracteriza-se pelo seu **elevado poder insecticida e longa duração** (cerca de dois meses) e aplica-se nas **azeitonas** destinadas a **conserva** ou para a **extracção de azeite**.

Em condições normais, bastará um só tratamento para eliminar todos os inconvenientes resultantes dos ataques da mosca da azeitona.

.....
«Bayer» **Secção Agrícola-Leverkusen-Alemanha**

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
Rua Sociedade Farmacêutica, 3 — LISBOA



UM LADRÃO...



Que ameaça a vida e a economia dos povos, pelas doenças que propaga e os haveres que destrói. Fazámos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS ZAZ

Destruidores de Ratos, Rafazanas, Toupeiras, etc.

P6 3\$00 — Grão 6\$00

ZAZ Formiga — Destrói as formigas imediatamente, à aplicação. Não é venenoso para as pessoas.

Caixa 2\$50 e 5\$00 — K. 70\$00

À venda nas Farmácias, Drograrias, Armazéns, etc.

Fabricamos outros insecticidas

DEPÓSITO GERAL:

Fábrica de Produtos ZAZ — COVILHÃ

3963



TILLANTIN

OS DESINFECTANTES
IDEAIS PARA AS SUAS
SEMENTES.

AMATIN

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 3 — LISBOA

3962

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

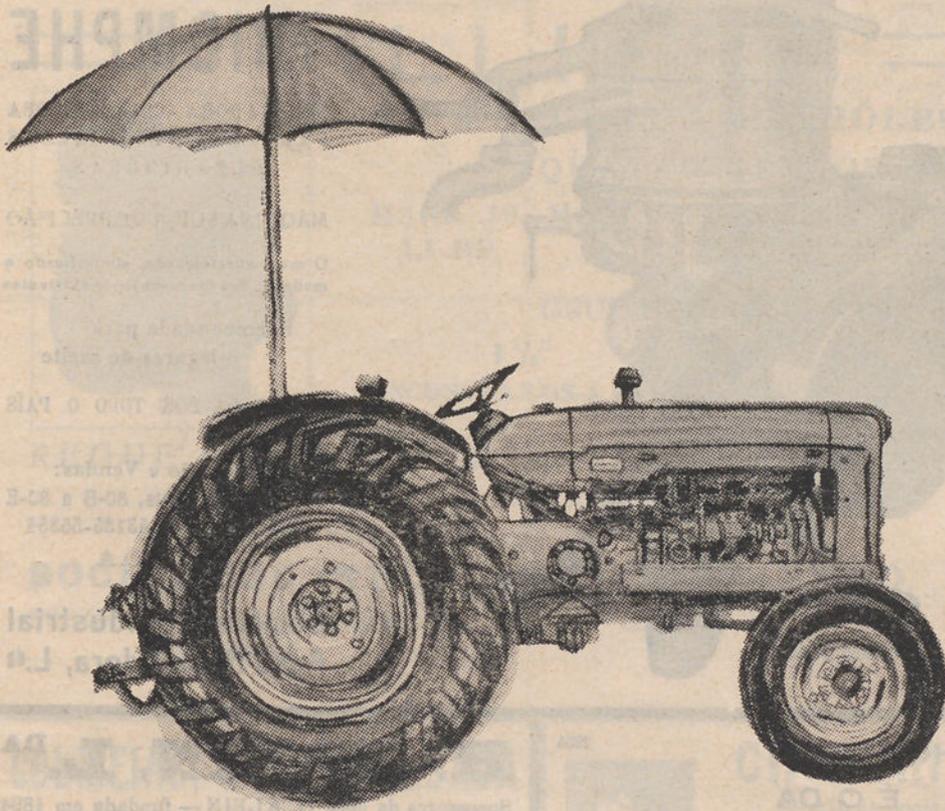
- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S.A.R.L.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 — LISBOA

3427



Faça sol ou faça chuva, faça calor ou frio, na montanha ou na planície...
A nova EQUIPA AZUL FORDSON proporciona-lhe um trabalho mais fácil e económico:
foi concebida com os olhos postos no tractorista. *

* não se esqueça que tem agora a opção do assento «REST-O-RIDE».

FORDSON SUPER MAJOR

Mais potência no motor.
 Mais potência na tomada de força.
 Novo sistema hidráulico com
 Qualitrol, controle de posição.
 Regulação de débito e levantador hidráulico com resposta de Acção Dupla.
 Nova válvula de segurança automática.
 Novo assento «REST-O-RIDE» com suspensão tipo flutuante.
 Nova gama de velocidades — baixas a potências elevadas para trabalhos de lavoura de grande precisão.

FORDSON SUPER DEXTA 45

Mais potência no motor.
 Mais potência na tomada de força.
 Nova válvula de segurança automática.
 Novo assento «REST-O-RIDE».

FORDSON DEXTA 32

Nová válvula de segurança automática
 Modelo NARROW (estrito) largura mínima de 1.32 m.
 Modelo VINHATEIRO — largura mínima de 96 cm

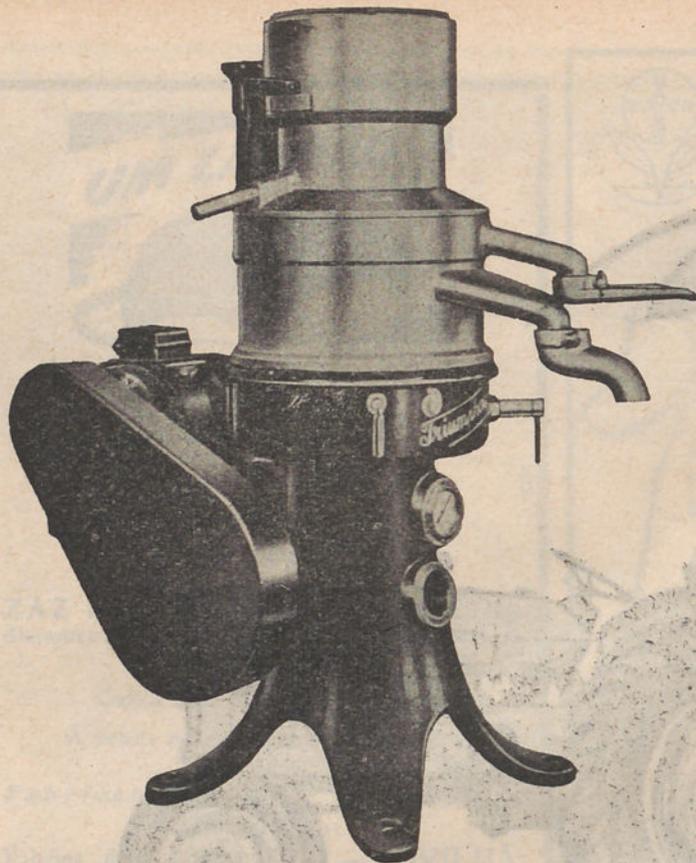


**1 ano
de
garantia**

FORD LUSITANA e seus Concessionários em todo o país

O SERVIÇO FORD ESTÁ CONSIGO ONDE QUER QUE SE ENCONTRE!

3930



TRIOMPHE

SEPARADORA - CLARIFICADORA
PARA AZEITE E CALDAS
OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

O mais aperfeiçoado, simplificado e
moderno dos diversos tipos existentes

Recomendada para
lagares de azeite

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Exposição e Vendas:
Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E
Telefs.: 52360-53135-55354

LISBOA

Sociedade Industrial
Agro-Reparadora, L.da

9947

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 - PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

H. KLEIN, L. DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

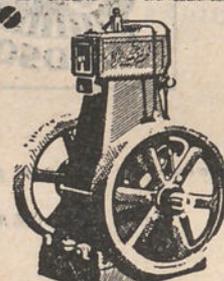
Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas,
produtos especiais para o tratamento, melhora-
mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto
esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia,
Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1828



MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

JAYME DA COSTA, L.ª
14 - R. das Correioas - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

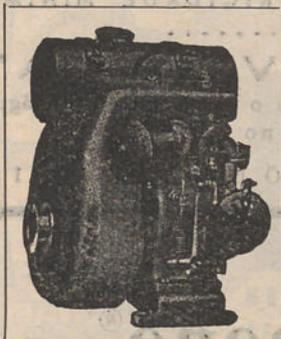
1149

(372)

GAZETA DAS ALDEIAS

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7 E e 7-F

Telef. 53393

3532

COLMEIAS, CERA MOLDADA E UTENSÍLIOS APÍCOLAS

Fabricante desde 1935 da colmeia

LANGSTROTH-ROOT

Alberto da Silva Duarte

Rua Capitão Luís Gonzaga, 38 — Telef. 23337

COIMBRA

8904



CHINCHILLAS

A criação mais fácil e rendosa no clima ideal de Portugal! As peles de CHINCHILLA são as mais valiosas da actual dade com mercado firme e procura superior à oferta. AS CHINCHILLAS «ECO», detentoras dos melhores prémios, produzem das melhores Peles. Porque não inicia já a sua criação, com alguns casais ou unidades polígamas? *Hankham European Chinchilla Organization Hankham — Inglaterra. Eurochilla, Lisboa.* Informações no norte:

António Sampaio — FAFE

8905

Esmagador-Desengaçador ACAL

para média exploração (cerca de 3.500 kgs. de uva/hora)

Desengace perfeito

podendo, contudo, não desengacar



Eliminados todos os contactos metálicos indesejáveis • Construção e cilindros em excelente madeira • Trabalho impecável • Accionamento eléctrico

Para entrega imediata: **ACAL** — Avenida Rodrigues de Freitas, 74-1.º — PORTO

3948



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
para hortas e jardins,
pequenas regas, etc.

3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO
.....

“VIBRO-VERTA”
a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

Se evitar as diarreias dos
seus leitões e vitelos ob-
terá maiores lucros

use **Forocibene[®]**

Evite os graves inconve-
nientes da coccidiose

use **Forocibene**

Acção profiláctica notável contra os agentes
patogénicos bacterianos e coccídias, no tracto
gastro-intestinal, sem perturbar o desenvol-
vimento normal no animal.

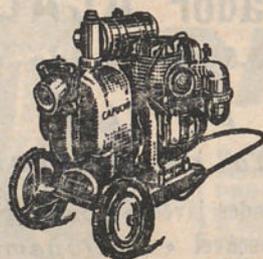


É um produto com a garantia CIBA

Representantes:

Produtos CIBA, L.da — Av. 5 de Outubro, 48 — Lisboa

3901



GRUPOS MOTO-BOMBA

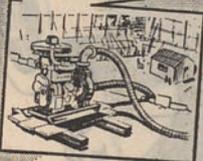
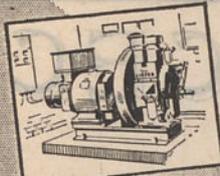
“CAPUCHO”

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.
PETRÓLEO OUGA OLEO

CASA CAPUCHO

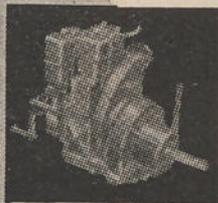
LISBOA—RUA DE S.PAULO, 113-129
PORTO—RUA MOUS DA SILVEIRA, 139-143

3896



LISTER

força motriz
para todos
os fins



MOTORES DIESEL
DE 3 A 1600 h. p.

REPRESENTANTES:

PINTO & CRUZ, L.^{DA}

R. ALEXANDRE BRAGA, 60/64 - PORTO
TEL: 26001 (P. P. C.)

2177

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*



Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório



2960

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011-2.8014

Defenda os Batatais
Combatendo o Escaravelho

- *Contra o Escaravelho resistente*

▶ **DELNAV 47** ◀

O MAIS MODERNO INSECTICIDA-ACARIC DA
DA HERCULES POWDER COMPANY

- *Contra o Escaravelho não resistente*

▶ **SINTOFENE "60"** ◀

COM TOXAFENA

DELNAV 47 e SINTOFENE "60" são inofensivos para as abelhas

- *Contra todas as estirpes de Escaravelhos*

▶ **SALVATOR** ◀

À BASE DE ARSENIATO DE CHUMBO

Contra o Míldio e Alternaria —→ **CARBANE "S"**

Conceituados produtos

PROCIDA
HERCULES POWDER C.º

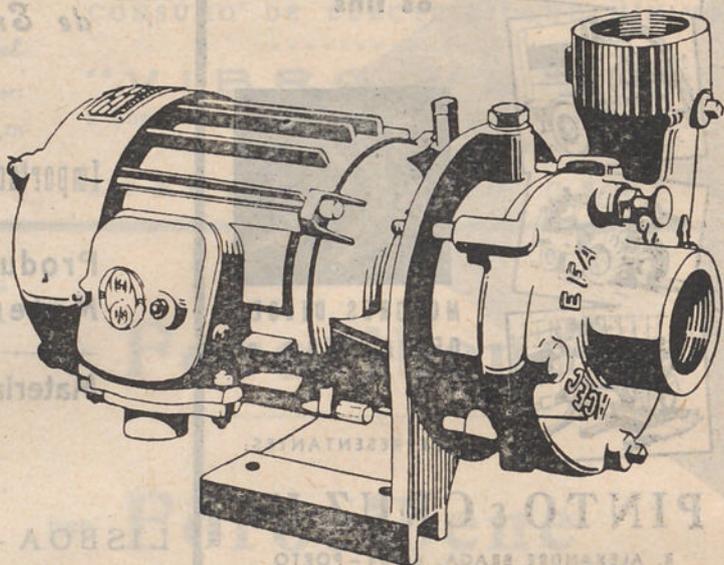
Representantes exclusivos:
A. F. Gouveia, Lda.

LISBOA — Av. Inf. Santo, 52-1.º — Telef. 675081/2
PORTO — R. Santos Pousada, 614 — Telef. 44573

3919

ELECTROBOMBAS EFACEC

ALTO
RENDIMENTO
BAIXO
CONSUMO



AGENTE OFICIAL:
BONNEVILLE OLIVEIRA

R. DE CAMÕES, 310 — TELF. 20859 — PORTO

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.
Carreira — Silveiros (Minho) Telef. 71 — NINE



SOGERE

Sociedade Geral de Representações, Lda

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 36-1.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

MOSTO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

OS ALIMENTOS COMPOSTOS
e CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS



Contêm as **proteínas**, as **vitaminas**, os **minerais** e os **antibióticos**, cientificamente doseados, uniformemente misturados e biologicamente controlados.

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
*Fábr. de Rações Provimi
da Madeira, Lda. — Funchal*
A. Relvas, Lda. — Malange

**PROVIMI PORTUGUESA—Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.**

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4
Telefs. 783439—782131—782132—780391





Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

8165

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA - TELEF. 368989